

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

**Santa Marina Atlético Clube e a região da Água Branca: os impactos das
transformações socioespaciais**

Raphael Barreto Gomes da Silva

São Paulo
2025

Raphael Barreto Gomes Da Silva

Trabalho De Graduação Individual
Apresentado como requisito para
obtenção do grau de bacharel em
geografia. Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas.
Universidade de São Paulo

Orientadora: Profa. Dra. Simone Scifoni

São Paulo

2025

Dedico este trabalho em memória de Bruna Oliveira da Silva, que sua existência esteja sempre viva a partir dos seus e de seus feitos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico este trabalho à minha família. Ao meu pai, que me viu jogar, me viu sonhar e me viu formar - me levou na minha primeira peneira e esteve na minha banca. Agradeço à minha mãe, que de uma maneira complexa, acolhe todos os seus - *Teus ombros suportam o mundo e ele não pesa mais que suas próprias mãos*. Ao meu irmão, que durante seus silêncios e seus intermináveis momentos de falação, de maneira incondicional, acredita em mim. À minha irmã, que tanto acolhe e incentiva, com sua incrível habilidade de traduzir o sentimento em fala. À Roberta, meu amor: o tanto que eu confidenciei do processo deste trabalho a você, não chega nem perto do suporte que você me trouxe e traz - obrigado pelas escutas e leituras.

Agradeço às minhas e aos meus colegas da geografia, não quero ser injusto em nomear e esquecer alguém. Agradeço aos times de várzea que já passei, como jogador e como pesquisador. Todas as pessoas que indireta ou diretamente contribuíram para o desenvolvimento do trabalho. Agradeço ao Centro de Referência de Futebol, do Museu do Futebol, em especial ao Everton Apolinário e Filipe Ramos. Agradeço ao William Contini, do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas - LUDENS. Agradeço às pessoas do Jardim Ibirapuera que contribuíram para a pesquisa que antecedeu este trabalho, continuidade de uma mesma caminhada.

Agradeço o tempo, a paciência e a generosidade de Aira Bonfim, Alberto Santos, Beatriz Calheta, Fátima Antunes e Rose Ingegnere, que possamos nos encontrar em um domingo na sede do Santa Marina! Agradeço à minha orientadora Simone Scifoni, pessoa fundamental para o processo desta pesquisa, principalmente pelo seu dom de transmitir calma.

Dedico e agradeço essa pesquisa ao Santa Marina Atlético Clube, que me deu permissão para estudar e contar essa história como geógrafo e me abriu as portas ao futebol de várzea como jovem jogador cheio de sonhos. De alguma forma, a vida fez este reencontro na esperança de um futuro melhor.

RESUMO

Este trabalho aborda o instável processo de permanência do Santa Marina Atlético Clube em sua sede, time de várzea com histórico operário, ligado à antiga Vidraria Santa Marina. Localizado na zona oeste da cidade de São Paulo, no bairro da Água Branca, o Clube, fundado em 1913, segue de portas fechadas desde 2023. Encerrando suas atividades em sua sede após uma ordem de reintegração de posse, o Santa Marina avança em batalha judicial com a multinacional francesa Saint-Gobain, que incorporou a antiga Vidraria em 1960. Foi necessário levantar e analisar dados, ortofotos, cartografias e imagens para entender o processo de industrialização e urbanização da região da Água Branca e, consequentemente, de São Paulo. A partir de trabalhos de campo, entrevistas e revisão bibliográfica, passou a compreender a realidade atual do Clube. À medida que o Santa Marina é enquadrado como Zona Especial de Preservação Cultural/Área de Proteção Cultural de forma provisória desde 2023, ele segue com futuro incerto: o seu rico acervo, a sua história, as suas atividades e a sua permanência estão ameaçados, situação que explicita a fragilidade de relações que não são intermediadas pelo consumo, como é o próprio caso do Santa Marina.

Palavras-chave: Futebol de várzea, Santa Marina, bairro, urbanização, patrimônio.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Perímetro aproximado da Água Branca	9
Figura 2: Mapa Topográfico do Município de São Paulo de 1930.....	17
Figura 3: Mapa Topográfico do Município de São Paulo de 1930 (antiga Vidraria).....	18
Figura 4: Restituição cartográfica do Levantamento Aerofotogramétrico de 1954	19
Figura 5: Restituição cartográfica do Levantamento Aerofotogramétrico de 1954 (antiga Vidraria)	19
Figura 6: Cartas da vegetação significativa do município de São Paulo de 1988.....	21
Figura 7: Cartas da vegetação significativa do município de São Paulo de 1988 (antiga Vidraria)	22
Figura 8: Ortofoto 2022 – PMSP RGB	23
Figura 9: Ortofoto 2022 (antiga Vidraria e SMAC) – PMSP RGB	23
Figura 10: Outorga onerosa e operações urbanas	26
Figura 11: Condomínio Jardim das Perdizes e SMAC	31
Figura 13: Vila Operária da Vidraria Santa Marina	37
Figura 14: A antiga Vidraria e a região da Água Branca	41
Figura 15: Placa do Inventário Memória Paulistana instalada na entrada do SMAC ...	42
Figura 16: SMAC e as obras do metrô	43
Figura 17: Trajeto do campo realizado em abril de 2024	46
Figura 18: Trajeto do campo realizado em novembro de 2024	47
Figura 19: O SMAC de portões fechados em um domingo de várzea	48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: População livre e escrava de São Paulo	15
Tabela 2 – População recenseada	28
Tabela 3 – Densidade domiciliar	29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CONPRESP – Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo

DPH – Departamento do Patrimônio Histórico

EIA – Estudo de Impacto Ambiental

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OUCAB – Operação Urbana Consorciada Água Branca

PMSP – Prefeitura Municipal de São Paulo

SMAC – Santa Marina Atlético Clube

SMC – Secretaria Municipal de Cultura

TELESP – Telecomunicações de São Paulo

UNIP – Universidade Paulista

ZEPEC-APC – Zona Especial de Preservação Cultural/Área de Proteção Cultural

SUMÁRIO

Introdução.....	8
1. O Binômio Industrialização e Urbanização: Situação Geográfica ao Longo dos Anos.....	14
2. A Realidade Hoje.....	25
3. O Bairro, o Clube e o Cotidiano.....	32
Considerações Finais.....	50
Referências Bibliográficas.....	52

INTRODUÇÃO

Ao longo de dois séculos, o município de São Paulo passou por um acelerado processo de crescimento. Com pouco mais de 20 mil habitantes em 1836¹, chegou a 11,45 milhões em 2022². Claro que essa transformação traz consequências que são geradoras de uma gama de processos. Os espaços são produzidos, transformados, integrados. A noção de tempo é alterada a partir das mudanças tecnológicas – fluxos informacionais e de produtos ficam cada vez mais acelerados. Uma forma de leitura para buscar compreender essas modificações é observar para o passado econômico ao longo do século XIX, sobretudo a partir de sua segunda metade. No período em que havia um crescimento econômico ligada à cultura cafeeira, São Paulo já se demonstrava como um ponto importante para o fluxo interior-litoral. Outro processo de destaque é a industrialização que se iniciou na segunda metade do século XIX, trazendo mais evidência para o setor industrial e de serviços da cidade. Com a inauguração da estrada de ferro São Paulo Railway em 1867, única ligação ferroviária para o oeste paulista até esse momento, a produção cafeeira conseguiu ter melhor escoamento, a industrialização se beneficiou dessa via, surgindo novos povoados ao longo da malha férrea. Tem-se ainda a transição de mão de obra, de trabalho escravo para o assalariado, por meio da promoção de políticas de migração estrangeira para o país. Se por um lado houve uma preocupação de inserção da população imigrante (por mais que haja ressalvas), a população que foi escravizada e seus descendentes não foram assistidos pelo Estado de forma semelhante.

É possível descrever os processos de transformação da cidade a partir de infinitos pontos de vista, trazendo, por exemplo, uma temática central e abordando, enquanto pano de fundo, tais mudanças e os vínculos por elas mobilizados. Tratar dessa forma relacional é interessante, pois promove um ponto de vista do processo por meio de uma escala local, confluindo com outros processos de escalas mais abrangentes. Nesse sentido, fala-se de uma parte sem esquecer do todo. Dito isso, este trabalho busca olhar para especialidades locais, como o Santa Marina Atlético Clube (SMAC), a antiga Vidraria Santa Marina e a região da Água Branca, relacionando-as com a escala municipal e, em alguns momentos, extrapolando a

¹ Fonte: Bassanezi, Maria Silvia C. Beozzo (org.). São Paulo do Passado – Dados Demográficos (1836-1920). Unicamp. 1998 Disponível em: <https://www.nepo.unicamp.br/publicacao/sao-paulo-do-passado-dados-demograficos-1836-1920/>.

² Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Censo 2022.

cidade. Esse pano de fundo, que é a cidade de São Paulo, tem nesta pesquisa um recorte temporal: meados do século XIX até os dias atuais.

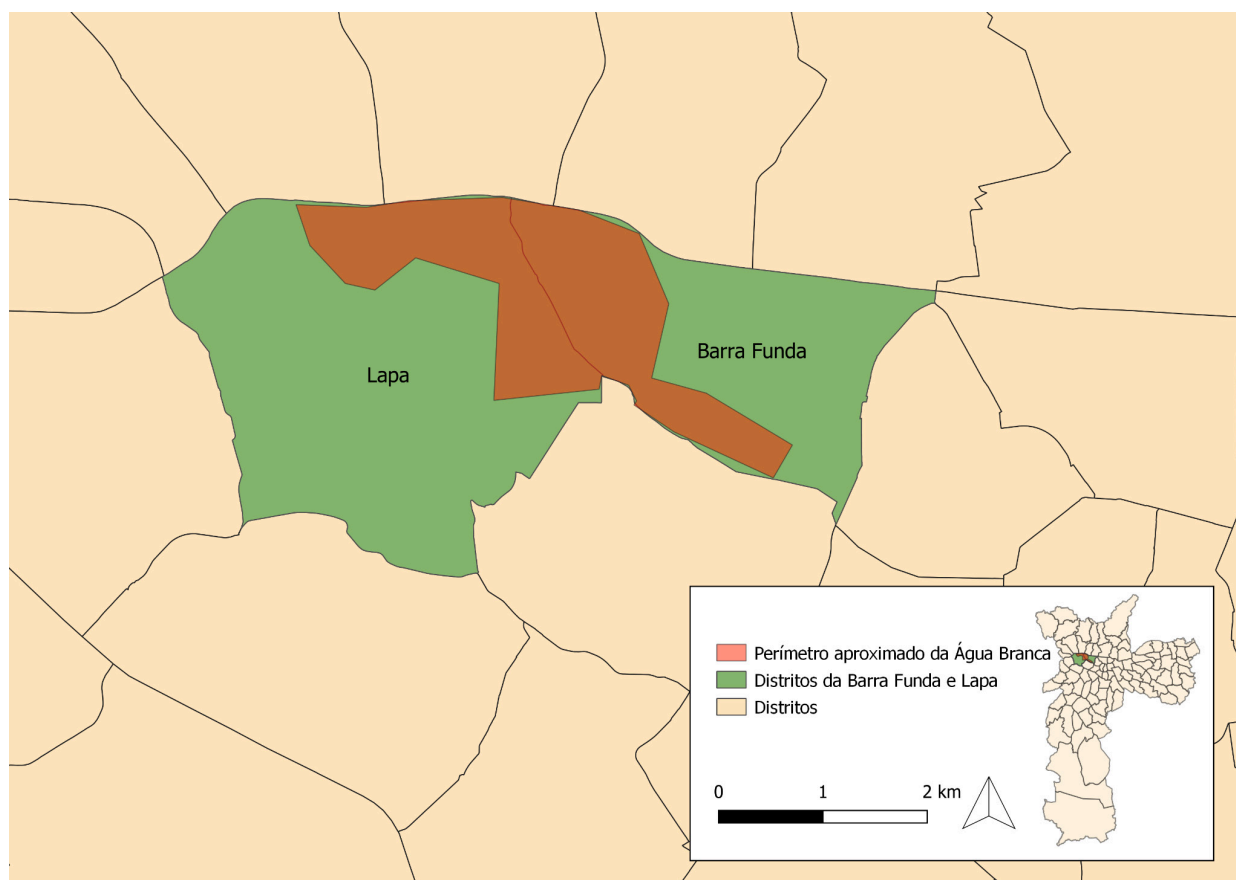


Figura 1: Perímetro aproximado da Água Branca. Fonte: GeoSampa/PMSP.
Organização: Raphael B. G. da Silva.

Hoje, entende-se a Água Branca como uma região localizada na zona oeste da cidade (Figura 1). Pertencendo à subprefeitura da Lapa, tendo uma parte de seu território situada no distrito da Barra Funda e outra no distrito da Lapa. Vale ressaltar que a menor unidade espacial administrativa utilizada pelo município é o próprio distrito; logo, os dados que serão trabalhados mais adiante corresponderão em maior detalhe na escala distrital. Mesmo a Água Branca estando na zona oeste, ela se encontra espacialmente muito próxima do centro da cidade. Por conta da Ligação Leste-Oeste e da Marginal Tietê, há uma fácil conexão com a zona leste, a zona norte e a região metropolitana, além de vias rodoviárias e da ligação ferroviária com o centro da cidade e outros municípios. Hoje integrada à metrópole, ainda é possível perceber na paisagem seu passado industrial, a partir da materialidade, como partes de fábricas, ou do aspecto simbólico, como nomes de avenidas que remetem à época

fabril. No entanto, no que diz respeito ao período anterior à industrialização, torna-se mais complexo conceber uma imagem, pois a paisagem local estava mais associada a uma ruralidade do que a um centro urbano ou industrial. Apreende-se, assim, três momentos distintos: o rural, aproximadamente até o terceiro quarto do século XIX, período em que a região ainda não estava integrada à cidade, associada mais ao campo, com presença de sítios e chácaras; o industrial, momento de urbanização (levando em consideração a inauguração da ferrovia SP Railway e a chegada das primeiras indústrias) - período entre a segunda metade do século XIX e meados do século XX; e o de serviços, a partir de meados do século XX, em que ocorre uma inserção na metrópole (RAMOS, 2002).

É dentro do segundo momento que o SMAC é fundado, em 1913³, por funcionários da antiga Vidraria Santa Marina. O clube nasce como clube de fábrica e se transforma em um clube de bairro, um time de várzea. Ao longo dos anos, construiu um elo forte com o entorno, gerando relações socioespaciais que ultrapassaram os muros da antiga fábrica. Na década de 1960, a Vidraria é incorporada pela empresa francesa Saint-Gobain. Nos últimos anos, porém, uma disputa judicial vem causando instabilidade para permanência do SMAC. Quando uma ordem de reintegração de posse despeja o Santa Marina em junho de 2023, o clube é enquadrado de maneira provisória na Zona Especial de Preservação Cultural/Área de Proteção Cultural (ZEPEC-APC)⁴, uma modalidade de preservação concebida no plano diretor do município de 2014. Estabeleceu-se, então, uma situação em que de um lado a empresa visa o valor de troca do terreno e, do outro, ressalta-se o de valor de uso que o clube tem com esse espaço. Ao passo que o SMAC visa a manutenção das práticas, sociabilidade e sua permanência, a empresa olha para a questão a partir de um olhar mercadológico, desconsiderando história, patrimônio e todas as potencialidades existentes a partir do fazer esportivo, do lazer e da espontaneidade.

Tanto o clube, a fábrica, quanto o bairro se transformaram ao longo das décadas. Os seus *modus operandi* são alterados conforme a cidade se modifica. No processo de expansão da mancha urbana, pensando no período do segundo quarto do século XX, os bairros estão se conectando, concomitante à formação de novos

³ Batizado com o nome de Santa Marina Football Club, permanecendo até 1977, quando houve a alteração para o nome atual.

⁴ A ZEPEC-APC é um instrumento recente, regulamentado no Plano Diretor de 2014, sendo uma importante ferramenta de manutenção e preservação de práticas culturais. Diferente do tombamento que tem como objetivo preservar a materialidade, a ZEPEC-APC tem como principal fundamento a manutenção das práticas.

bairros. É possível notar essas mudanças ao longo das décadas em diferentes níveis de escala. É viável também pensar em uma região em modificação e, enquanto consequência, a população que ali vive se alterando, bem como refletir ainda sobre o inverso, a alteração do perfil da população local, transformando uma região. Mas é importante salientar que, mesmo de forma simplificada e entendendo que um caminho de mudança possa se sobrepor a outro, seria impossível pensar eles acontecendo de forma separada. A população se modifica à medida que a região também, um processo que não anula o outro – eles ocorrem de modo combinado e de maneira relacional com a cidade.

A pesquisa é impulsionada por inúmeros questionamentos, os quais não necessariamente darão conta de sanar o tema, mas servem como norte para este trabalho e para o debate em torno dos assuntos e tensionamentos aqui levantados. Algumas questões apresentam-se no cerne da discussão, como: de que forma as transformações de São Paulo ditaram e ditam o ritmo de mudança na região em que, hoje, localiza-se a região da Água Branca? É possível compreender uma vida de bairro na Água Branca atualmente? De que jeito o Santa Marina impunha/impunha um ritmo no cotidiano de seu entorno e como esse cotidiano surge (e surgirá) a partir de agora?

Este trabalho é dividido em três capítulos, a saber: “Binômio *industrialização e urbanização*: situação geográfica ao longo dos anos”, “Realidade hoje” e “O bairro, o cotidiano e o clube”. O primeiro aborda espacial e historicamente a região em que o clube está situado, discutindo a sua localização, a sua configuração fabril ao longo da segunda metade do século XIX, passando pela metropolização no decorrer do século XX e as mudanças a partir do espraiamento urbano. Já no segundo buscamos compreender a situação atual do bairro/região, o resultado das transformações que aconteceram no processo histórico, correlacionando-o com o atual processo de mudança. Ao pensar o bairro e seus moradores, colocando-se em pauta o processo especulativo gerado pela expansão imobiliária e as transformações na paisagem da região, procura-se achar relações entre todos esses processos com a situação atual do SMAC. No terceiro capítulo, enfim, o olhar direciona-se à vida cotidiana no bairro (ou os resíduo da vida de bairro). Ancorado no conceito de ritmanálise, a região, sobretudo nos arredores do Santa Marina, é observada a partir do estudo de Lefebvre e Régulier (1992). Apresenta-se um esforço de compreensão dos atuais ritmos e intuição dos cotidianos em outros tempos (em um passado próximo e possíveis

futuros). Analisa-se, em suma, os processos do Santa Marina e, como consequência, discute-se as noções de direito à cidade, espaço vivido, urbanização, memória, sociabilidade, tempo do ócio e lazer.

Desenha-se um exercício, a partir da história de um time e do histórico do futebol de várzea em São Paulo, atentando para as relações socioespaciais existentes na região, intermediadas, justamente, pelo Clube. Além do resgate temporal, lida-se com demandas do tempo presente, que, no caso do Clube, envolvem questões judiciais de permanência/expulsão do espaço. E, não de forma isolada, é importante ainda levar em conta o processo histórico e do bairro e do próprio município (claro que, aqui, tratados com níveis de profundidade distintos).

Para tanto, um caminho é se apropriar da dialética como um fio que costura o pensamento ao longo da pesquisa, uma dialética marxista com aprofundamento do pensamento lefebvriano, a qual ajuda a amarrar as ideias e trazer uma leitura tanto para os processos passados quanto para os processos atuais – ajudando, assim, a projetar criticamente possíveis futuros. Por meio dessa dialética (não necessariamente em oposição de ideias), discute-se valor de uso e valor de troca, permanência e expulsão e a noção de permanência em uma outra lógica: a permanência e a passagem. Além da reflexão acerca do público e do privado inseridos na vida cotidiana. Esses processos dialéticos ajudam a definir e transformar regiões e grupos, mantendo (ou não) a lógica de funcionamento anterior às modificações (nesse caso, a lógica de funcionamento da vida cotidiana intermediada pela existência do SMAC).

Para se alcançar os resultados desta pesquisa, foi necessário se aprofundar em uma bibliografia que contemplasse as temáticas da industrialização, da urbanização e da metropolização da cidade, além de abordar os processos históricos da antiga Vidraria e do Clube. Foram analisados mapeamentos, ortofotos e dados a fim de entender as dinâmicas da região da Água Branca ao longo das décadas. Ao todo, foram realizadas cinco entrevistas com pessoas ligadas ao caso do Santa Marina, conectadas a ele por meio do trabalho, da pesquisa, do futebol de várzea ou mesmo pela luta de permanência. Também foram feitos dois trabalhos de campo, o primeiro em abril de 2024 e o outro em novembro do mesmo ano. Os campos foram guiados a partir do estudo de ritmanálise (LEFEBVRE, 2021), buscando encontrar relação entre a vida cotidiana e os seus ritmos. Regulação através do tempo abstrato do relógio ligado ao tempo do trabalho. O autor aborda a ideia de produto para o tempo: “Assim como o espaço, o tempo se fragmenta e se divide entre uso e valor de uso, de um

lado, e troca e valor de troca, de outro. Por um lado, é vendido; por outro, é vivido” (2021, p.154).

1. O BINÔMIO *INDUSTRIALIZAÇÃO E URBANIZAÇÃO*: SITUAÇÃO GEOGRÁFICA AO LONGO DOS ANOS

São Paulo, diferente das cidades europeias, tem um histórico de industrialização mais recente, ganhando destaque econômico a partir do século XIX. E mesmo pensando no território que hoje é o Brasil, demorou para o foco econômico chegar na região. Poucas décadas antes de sua industrialização, São Paulo apresenta, para além da idéia de vila, também uma ocupação dispersa, com agrupamentos distantes ao que hoje é tido como região central. Por conta de uma série de fatores, que envolvem, entre eles, mudança do foco econômico para o café, localização privilegiada, iniciação de um processo industrial e a chegada de um grande contingente de imigrantes, São Paulo passa a ganhar importância e crescer, seja em sua espacialidade, seja em sua população. No século XIX, sobretudo a partir da segunda metade, há uma industrialização proveniente do capital inglês e a instalação de fábricas próximas aos rios, em regiões de várzea.

Nesse contexto, é concebível pensar nas transformações da Água Branca, pois é uma região que se integra à cidade a partir de um processo industrial. Entender a Água Branca como uma região que se aproxima da qual entendemos hoje só foi possível a partir da industrialização. O que compreendemos como bairro da Água Branca é um acúmulo histórico-socioespacial que, segundo Ramos (2002), pode ser dividido em três momentos: localidade (rural), até a segunda metade do século XIX; bairro (industrial), final do século XIX até meados do XX; e porção imersa na metrópole (serviços) - a partir de meados do século XX.

No primeiro momento, lidava-se com uma região que mais se aproximava do meio rural do que de um ambiente citadino. Segundo o autor, esta paisagem estava presente ao longo das principais estradas paulistas (nesse caso, a antiga estrada de Jundiaí, a qual servia de ligação desta região com a capital). Já era possível, naquele momento, observar um destaque de produção de café dentro da província de São Paulo, mas “o sistema precário das estradas [...] representavam obstáculos à expansão cafeeira rumo ao oeste paulista” (TEIXEIRA, 2003, p. 126), somado à dificuldade de manutenção da mão de obra vigente na época (escravagista). Houve, então, dois movimentos importantes, tanto para o café quanto para a industrialização e urbanização da capital. Um foi a inauguração da estrada de ferro São Paulo Railway, que ligava o porto de Santos à cidade de Jundiaí, tendo a capital paulista como um

importante eixo de parada. O outro foi a política de imigração. Para se ter uma ideia, a partir da segunda metade do século XIX, a população livre da província⁵ saltou de 290 mil pessoas para um pouco mais de um milhão.

População Recenseada na província de São Paulo			
Anos	1854	1872	1886
Pop. livre	294.612	680.742	1.114.065
Pop. escrava	117.238	156.612	107.329
Total	411.850	837.354	1.221.394

Tabela 1: População livre e escrava de São Paulo. Fonte: Teixeira (2002).⁶

A tabela explicita o rápido crescimento da população na província a partir do crescimento da população livre ao longo das décadas.

Observa-se que a população escravizada cresceu em um primeiro momento (entre 1854 e 1872), fato que pode estar associado a migrações internas a partir de uma demanda de mão de obra em São Paulo. No momento seguinte (entre 1872 e 1886), contudo, houve uma diminuição, possivelmente por conta das proibições impostas ao tráfico transatlântico, denotando uma transição na mão de obra (sem, entretanto, a devida reparação à população que foi escravizada e seus descendentes). Esses dois fatores, somados à industrialização incipiente, contribuíram para colocar a cidade de São Paulo em destaque econômico.

Segundo Teixeira, a cidade de São Paulo, por estar nesse eixo estratégico que ligava o interior ao porto de Santos, foi ganhando cada vez mais ênfase: surgiram e se ampliaram serviços urbanos, como bondes, iluminação, água e energia elétrica. A autora continua explicando que, para que isso fosse possível, a malha ferroviária foi fundamental para os processos de transformação na cidade. Ramos nos traz o exemplo desse processo na região da Água Branca, ao dizer que:

⁵ Durante esse período, as províncias eram as unidades administrativas e não os estados como temos hoje. A mudança de província para estado ocorreu com a primeira Constituição da República, em 1891.

⁶ Tabela retirada do artigo (TEIXEIRA, 2002, p. 126). Fonte: Populações da província de São Paulo - 1854, Estatística organizada por Machado de Oliveira, in Discurso com que o ilustríssimo Sr. Dr. Roberto d'Almeida Vice-Presidente da província de São Paulo, abriu a Assembléia Legislativa Municipal no dia 18 de fevereiro de 1856, S. Paulo, 1856. Recenseamento, 1872 - Quadros Gerais. Recenseamento da População do Império do Brasil a que se procede no dia 1º de agosto de 1872. Recenseamento Geral de 1886, Relatório apresentado ao Exmo Sr. Presidente da Província de São Paulo pela Comissão Geral de Estatística. 1888, p. 12 e 56. Florestan Apud Fernandes, "Do escravo ao cidadão". in Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo, São Paulo, Ed. Anhembi Ltda, 1955, p. 40.

A ocupação mais intensa do local, o parcelamento do solo pelos loteamentos e o consequente início do processo de urbanização da área dão-se a partir de 1880, com a instalação de inúmeras fábricas [...] com o avanço da industrialização, a área incorpora-se gradualmente à cidade de São Paulo (2002 p. 69).

Tem-se uma leitura da existência do bairro a partir da industrialização da região. Houve uma urbanização a partir do trilho do trem, que provocou a formação de bairros ao longo de sua via. O autor segue explicando que o processo de industrialização promove dois movimentos em temporalidades distintas e de caráter contraditório: primeiro, a instalação das indústrias na região, a qual promove um processo de urbanização que gera a vida de bairro (há, nessa altura, uma ideia clara de bairro). Porém, com o avanço da urbanização, sobretudo a partir de uma metropolização, ocorrem transformações. Essas localidades onde se promovia o valor de uso do espaço (tendo uma maior relação entre o público e privado, partindo de múltiplas conexões de parentesco e vizinhança), acabaram mudando a intermediação das relações sociais baseada no consumo.

Por mais que exista uma ideia de superação do bairro, baseada em tais movimentos, é vital ter a noção de acúmulos, ou seja, houve, em um determinado momento histórico, a vida de bairro e o bairro em si. Com a metrópole, existe uma tendência de desaparecimento disso, mas não se acaba com os resíduos da vida de bairro. Esse momento compreende à terceira temporalidade que o autor aponta. A industrialização e a urbanização geraram esse movimento contraditório, que, no começo, trouxe a ideia de bairro ao integrar à cidade essas localidades pré-industriais. Passou-se, depois, a fomentar a metropolização de São Paulo, suprimindo o modo de vida de bairro, ao mesmo tempo que essas regiões se desindustrializam. As relações socioespaciais se dão pelo que é entendido como bairro, no qual são previstas dinâmicas que envolvam pessoas dentro de um processo relacional para além da vida privada. O processo de metropolização, fragmenta o espaço, e a ideia de bairro a partir de articulações internas, as quais traziam unidade, também é fragmentada.

A Vidraria Santa Marina é produto do segundo contexto. E toda a sua herança material, isto é, o terreno, as construções e o próprio SMAC, está associada a esse cenário. Ela foi fundada por Elias Fausto Pacheco Jordão e Antônio da Silva Prado, em 1896, com o nome de Prado & Jordão. Antônio Prado era membro do conselho

fiscal da Companhia Antarctica Paulista, também localizada na Avenida Santa Marina. Ramos (2001, p. 83) diz que, “segundo Reis Filho, o motivo principal da instalação da fábrica de vidros era atender a demanda por garrafas da vizinha Cia. Antarctica Paulista [...]”. Dois anos após o falecimento de Elias Jordão⁷, a empresa configura-se em sociedade anônima com o novo nome de S.A. Companhia Vidraria Santa Marina, nome que se manteve mesmo após a incorporação do grupo francês Saint-Gobain em 1960. Em 2000, passou a se chamar Vidraria Saint-Gobain. Com a sociedade anônima, houve a entrada da Antarctica e Brahma no novo quadro societário. Com essas inclusões, a empresa consegue crescer e diversificar a sua produção.

A Figura 2 traz um recorte da zona oeste em 1930, ao centro, o que hoje compreendemos como distrito da Lapa. Em destaque, podemos perceber a área da fábrica da Vidraria, a sua proximidade com a malha ferroviária São Paulo Railway e o Rio Tietê.



Figura 2: Mapa Topográfico do Município de São Paulo de 1930.

Fonte: GeoSampa/PMSP (adaptado).

Nota-se a instalação de um pátio fabril na região, principalmente pelas grandes construções próximas à malha ferroviária. O Rio Tietê é visto de forma meândrica na parte superior da imagem. Ele ocupa um papel importante para as fábricas, que se alocam tanto pela linha férrea quanto pela proximidade com a várzea. Nesse

⁷ Elias Fausto Pacheco Jordão faleceu em Paris, em 26/03/1901, durante uma viagem de negócios.

momento, o lote da Vidraria ainda ocupava uma grande porção, a qual se estendia do trilho do trem ao leito do rio.

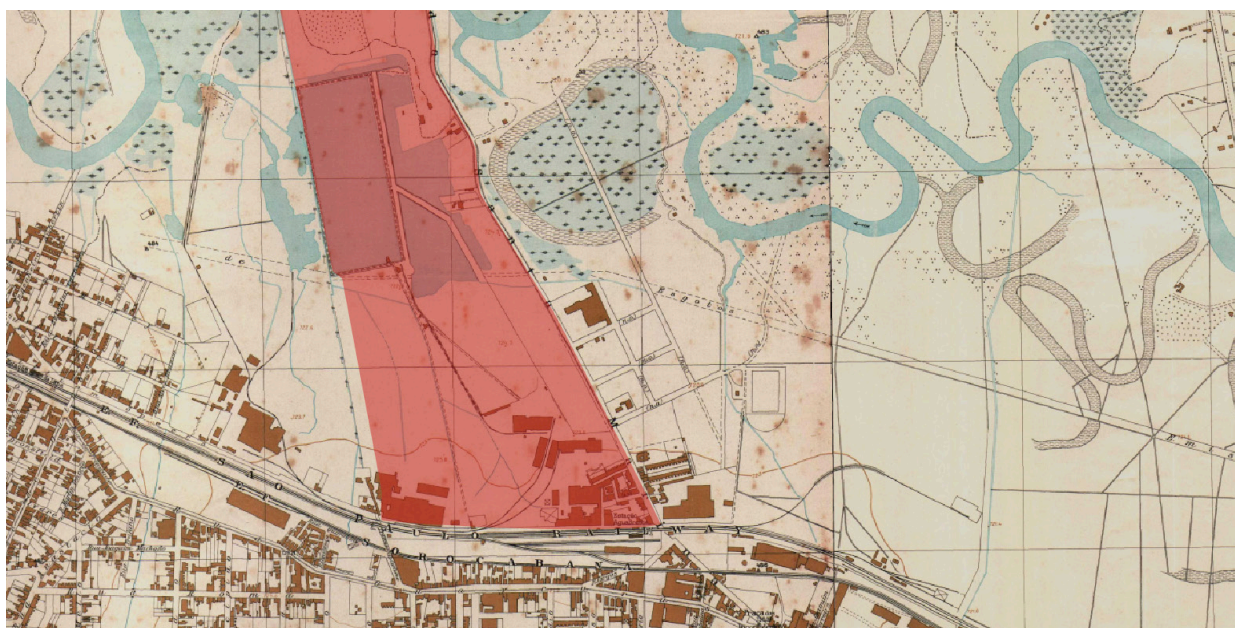


Figura 3: Mapa Topográfico do Município de São Paulo de 1930 (antiga Vidraria).
Fonte: GeoSampa/PMSP (adaptado).

Em destaque, facilita-se a visualização da planta fabril da Santa Marina. A sua proximidade com o rio servia tanto para extração de areia quanto para uso da água. A linha férrea tinha, à época, uma dupla funcionalidade: escoamento da produção e transporte de pessoas. Nesse período, vale ressaltar que parte do fluxo migracional europeu, que chegou com o intuito de trabalhar no interior com café, acabou ficando na capital paulista. Com a baixa dos preços do café por conta da Crise de 1929, as fábricas, de modo geral, absorvem essa mão de obra. É importante trazer à tona ainda a forte relação entre trabalho e moradia existente na vida fabril a partir das vilas operárias – presente, inclusive na Vidraria em foco, que chegou a possuir vilas operárias e escola.



Figura 4: Restituição cartográfica do Levantamento Aerofotogramétrico de 1954. Fonte: GeoSampa/PMSP (adaptado).

Diferente das Figuras 2 e 3, nestas, é possível notar mudanças consideráveis. Agora em 1954, (mantendo o mesmo recorte espacial) nas Figuras 4 e 5, percebe-se que o rio está em um processo de retificação avançado. É possível notar também uma maior quantidade de lotes ocupados (a cidade em expansão) - mesmo que mais rarefeito nas porções próximas à várzea do rio.

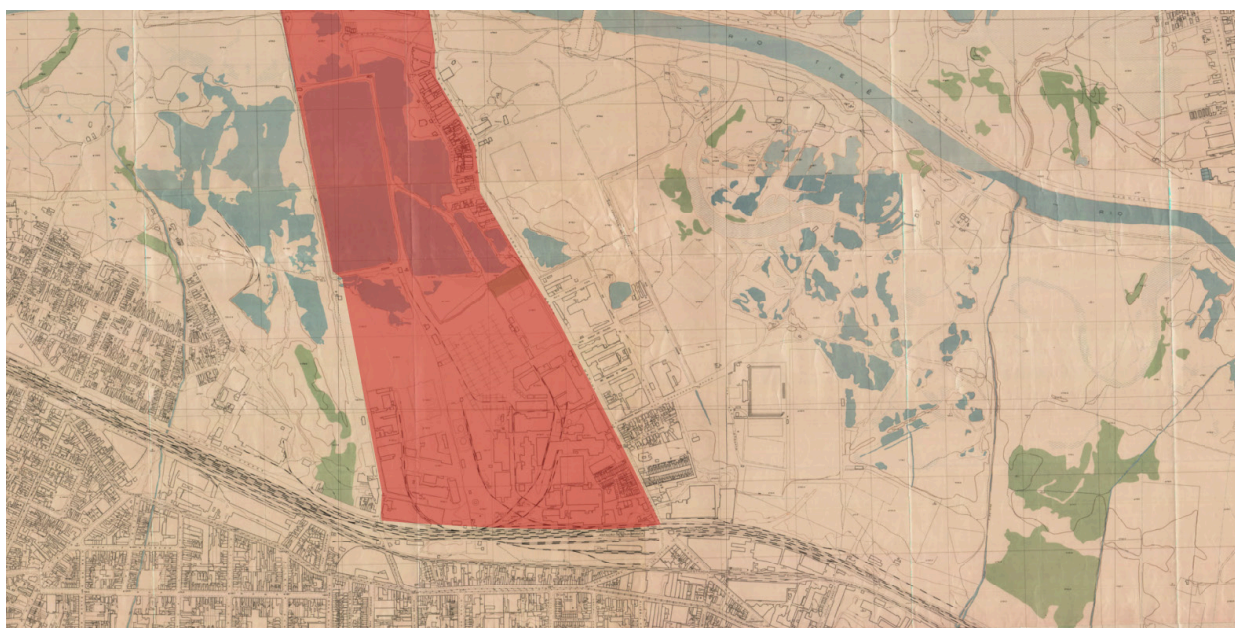


Figura 5: Restituição cartográfica do Levantamento Aerofotogramétrico de 1954 (antiga Vidraria). Fonte: GeoSampa/PMSP (adaptado).

São Paulo passou a priorizar o sistema viário, sendo as retificações e canalizações de rios reflexos dessa política. O automóvel ganhou mais destaque, tanto no transporte quanto no escoamento de produção. Nesse processo, muitos rios foram acompanhados por largas avenidas, deixando de existir toda a área de alagamento, como são os casos dos Rios Tietê e Pinheiros, que passam a contar com vias expressas: marginais Tietê e Pinheiros (Figuras 4 e 5).

Desde a década anterior a este período, a cidade passou (e ainda passa) por um processo de crise habitacional. Houve uma série de loteamentos irregulares em regiões afastadas, que fomentaram a periferização da cidade. A partir de 1940, os trabalhadores atraídos pelo baixo preço dos lotes, em seus momentos de descanso, dedicavam sua força de trabalho para autoconstrução de suas casas (BONDUKI, 1994). O autor nos apresenta esse modelo de ocupação periférico como uma “ampla gama de soluções habitacionais de baixo custo” (p. 307). Uma solução não planejada que acabou sendo interessante para diversos setores. Para o setor imobiliário, foi lucrativo: conforme foram loteando essas glebas, reservaram vazios urbanos especulativos, à espera da incorporação dessas regiões afastadas ao urbano. Para o trabalhador, apesar do aumento da exploração, da sujeição à segregação socioespacial (alienando-se da vida urbana) e da alocação em uma região com pouca ou nenhuma infraestrutura, foi uma forma viável de sair do aluguel. Por fim, para a prefeitura, esse movimento mostrou-se interessante por ter sido encarado como uma resposta à crise habitacional. Ainda que de forma irregular, a permissividade do município criou condições de uma expansão, que, mesmo desordenada, conseguiu dar conta do crescimento da cidade – gerando, claro, contradições, acumulações, um movimento especulativo e promovendo desigualdades. Apesar de ocorrer em um momento histórico distinto, esse deslocamento para regiões mais afastadas em busca de menores gastos, seguiu ocorrendo e acontece até os dias de hoje. No caso da Vidraria, nos anos de 1970, as vilas operárias foram desativadas e a população trabalhadora teve que se reorganizar pela cidade. Houve indenizações, mas que não foram suficientes para assegurar a vida dessas pessoas na Água Branca.

As Figuras 6 e 7 explicitam duas grandes mudanças que se deram ao longo de três décadas: a criação de importantes vias de circulação, como avenidas, pontes que fazem ligações através do rio Tietê e a criação da Marginal Tietê, e um maior loteamento da região em destaque, sendo possível notar construções em regiões que

antes eram alagadas. Isso ocorre em razão de um processo de desindustrialização que se deu na região por meio da reestruturação urbana.

São Paulo apresenta importantes centralidades e, no meio disso tudo, muitos processos econômicos e financeiros acontecem. De forma resumida, até 1950, a região central detinha os principais escritórios e serviços da cidade. Em um processo de transição, entre os anos 1950 e 1990, as empresas deslocaram-se para a região da Avenida Paulista (deixando claros os valores econômicos, financeiros, culturais e até simbólicos da região). A partir dos anos de 1990, a região da Marginal Pinheiros passou a ser a centralidade econômica/financeira da capital paulista (LENCIONI, 2008). Ao passo que essa centralidade se expandiu, as outras centralidades mantiveram sua importância, mas foram e são modificadas a partir das transformações da cidade. Ademais, o centro vem se transformando a partir de sua revalorização, trazendo novos empreendimentos e requalificações imobiliárias para a região, além de modernizar os serviços e as suas funções. A cidade é rica; contudo, não é todo lugar da cidade que é rico. Se há uma concepção que amalgama riqueza, tecnologia e agilidade (simultaneidade), é importante, de modo crítico, perceber quais são os lugares em que essas modernidades chegam e quais as pessoas (grupos sociais) que têm acesso a esses serviços e essas ferramentas.

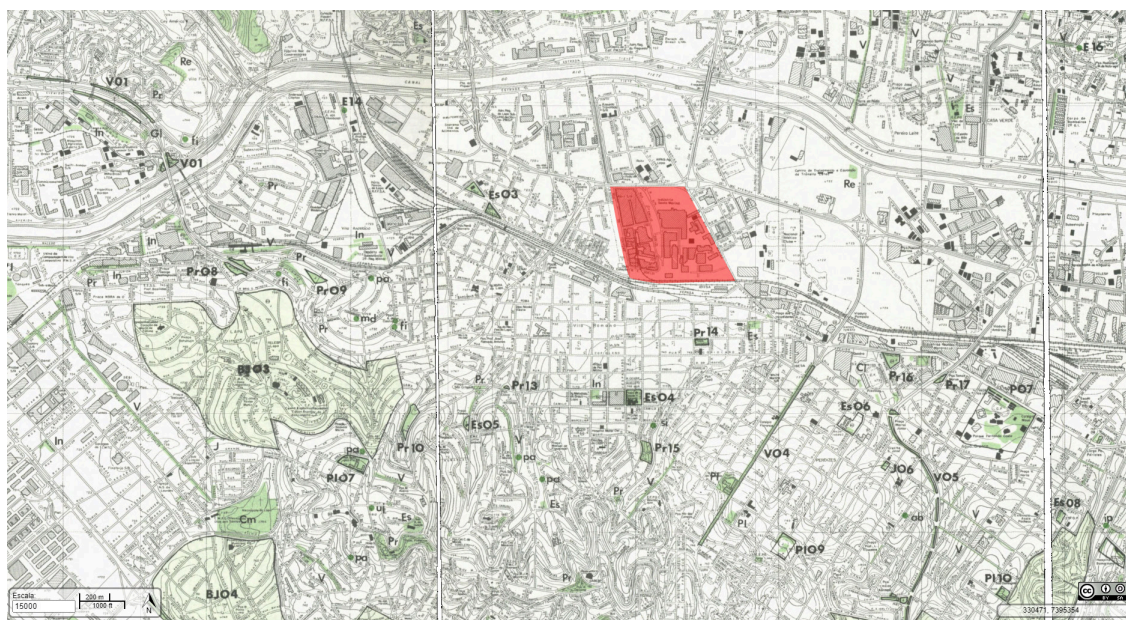


Figura 6: Cartas da vegetação significativa do município de São Paulo de 1988.

Fonte: GeoSampa/PMSP (adaptado).

Um ponto que vale o destaque é a nova ligação viária: a Avenida Marquês de São Vicente e a Ermano Marchetti, conectando o centro à zona norte-oeste. Essas

avenidas surgiram após a venda de parte do lote fabril da Vidraria (nessa altura, já sob o controle da Saint-Gobain). Comparando as Figuras do período anterior, fica evidente a diminuição do tamanho do lote da fábrica.

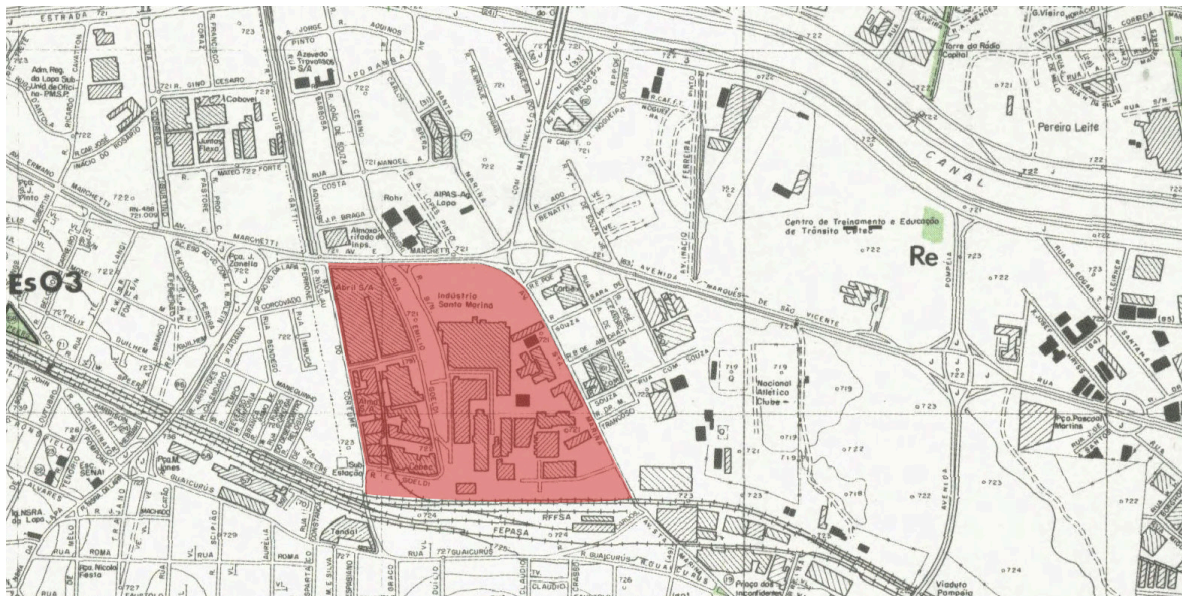


Figura 7: Cartas da vegetação significativa do município de São Paulo de 1988 (antiga Vidraria). Fonte: GeoSampa/PMSP (adaptado).

Com escritório no Centro Empresarial Água Branca, a Saint-Gobain manteve a atividade da fábrica da Água Branca em funcionamento até 2018. Atualmente, a área da antiga Vidraria Santa Marina está desativada e em negociação com o Metrô, com o intuito de construção do pátio de manutenção e estacionamento da futura Linha 20-Rosa⁸.

⁸ Estudo de Impacto Ambiental-EIA – Linha 20-Rosa, Trecho Santa Marina/Santo André, e prolongamento da Linha 2-Verde. Disponível em <https://transparencia.metrosp.com.br/dataset/eia-rima-da-linha-20-rosa>

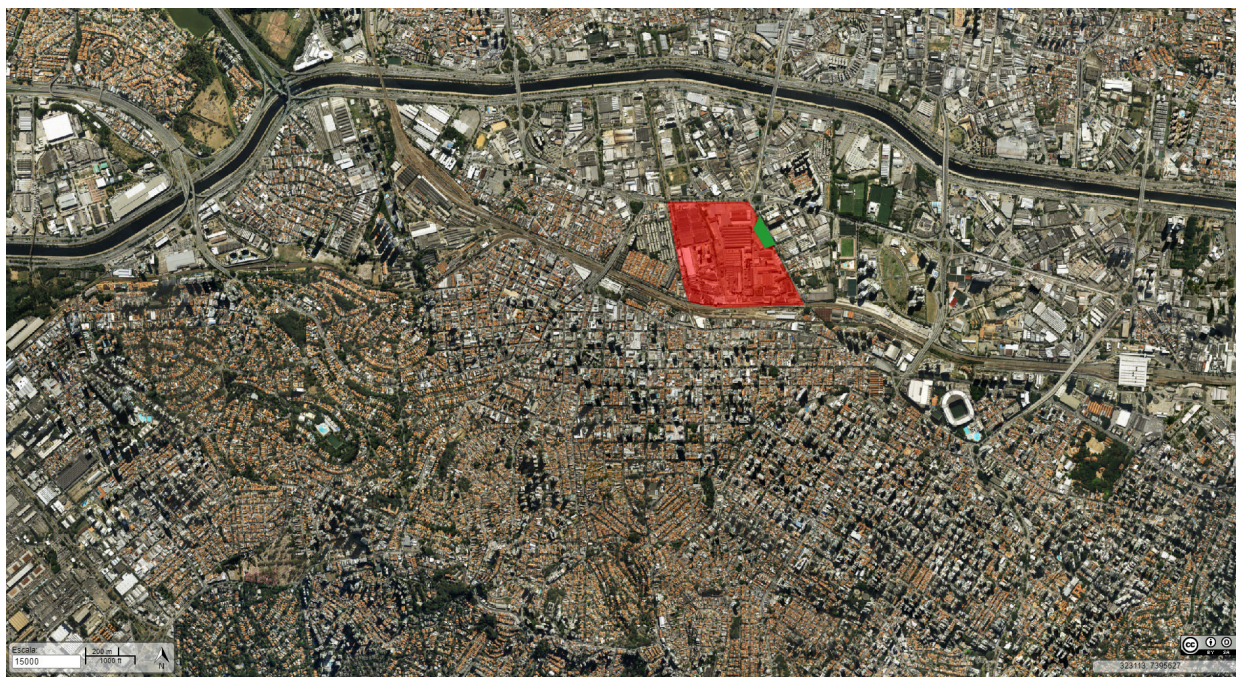


Figura 8: Ortofoto 2022 – PMSP RGB. Fonte: GeoSampa/PMSP (adaptado).

Nessa Figura, fica mais fácil perceber o processo de verticalização da região próxima ao Clube. Observa-se a sombra projetada pelos edifícios residenciais, intuindo-se os pontos em que as torres estão localizadas. Essa mudança tende a modificar a configuração do bairro em relação ao seu histórico. Se, em um primeiro momento, as Figuras apresentam um bairro fabril, ele se modifica no decorrer das décadas, desindustrializando-se e se recaracterizando.



Figura 9: Ortofoto 2022 (antiga Vidraria e SMAC) – PMSP RGB. Fonte: GeoSampa/PMSP (adaptado).

Essas áreas de várzea, que antes não representavam interesse imobiliário, passam por um processo de valorização. Ao mesmo tempo em que a cidade cresce e se expande, aumenta o interesse de ocupação dessas regiões. Justamente pelo baixo interesse em um primeiro momento, essas áreas foram ocupadas por camadas mais pobres, como conta a escritora Carolina Maria de Jesus em *Quarto de Despejo* (1960), livro no qual apresenta a sua vida como moradora da favela na região do Canindé, relatando parte do processo de expulsão dessas áreas ocupadas na segunda metade do século passado. Além dessas moradias, havia uma grande quantidade de campos de futebol de várzea (SANTOS, 2021; PENTEADO, 2021). Ainda que a valorização dessas regiões diminui os espaços do futebol várzea, houve ainda uma permanência de campos nas proximidades do rio, como na Casa Verde (Rio Tietê), com o Complexo Esportivo Campo de Marte. É nesse imbróglio de lutas que também está o Santa Marina AC (em destaque em verde nas Figuras 8 e 9).

Se, por um lado, a industrialização colabora para a existência da vida de bairro, o binômio industrialização-urbanização colabora para integração do mesmo com a metrópole – fragmentando e deixando apenas resíduo da vida de bairro. Seabra (2003, pp. 22-23) aborda a vida de bairro como conteúdo do bairro, “aquilo que o define”, e segue dizendo que “para a vida de bairro, nunca existiram modelos institucionais, mas as relações espontâneas [...]”. A autora ainda acrescenta que o bairro é um acontecer a partir das múltiplas formas de solidariedade e reciprocidade, sejam elas por conta da parentela, da vizinhança ou do compadrio. A propriedade territorial, nesse sentido, representa um obstáculo tanto para o bairro quanto para a vida de bairro.

2. A REALIDADE HOJE

Para que, atualmente, São Paulo tenha se consolidado como uma metrópole global, uma série de processos socioespaciais ocorreram. Se hoje pensamos em uma metrópole que tem seus espaços interligados, por mais ressalvas que isso possa gerar por conta de suas contradições e desigualdades, tem-se uma dinâmica de conexão e fluxos cada vez mais dinâmicos. Há uma interligação que ultrapassa a cidade – conurbações que escondem limites municipais. A mancha urbana espalha-se e o modo de vida urbano ultrapassa a metropolização. Mesmo em lugares rurais, a maneira do urbano existir está presente, seja culturalmente, em serviços, tecnologias ou até mesmo em infraestrutura a depender da região.

Observando a região da Água Branca, nota-se resquícios do seu passado industrial. Houve uma desindustrialização ao longo da segunda metade do século XX, restando, atualmente, vestígios de sua história. Isso explicita a forma com que a cidade lida com seu passado histórico, sendo possível ver a força do setor imobiliário na tomada de decisão, modificando e, até mesmo, demolindo lugares de memória.

Rodrigues (2012) analisa o processo de patrimonialização industrial na região da subprefeitura da Lapa. Ela questiona a forma como o patrimônio industrial é preservado, restando, muitas vezes, apenas rastros simbólicos, como uma torre ou outras poucas construções fabris. Mesmo que a autora esteja tratando de um outro tipo de ferramenta de preservação e um outro campo, é possível dialogar aqui com o seu pensamento ao colocarmos em xeque a qualidade de preservação de nosso passado, afetando diretamente uma historiografia nossa. Da mesma maneira que a crítica é feita à questão industrial, dá-se para se tecer mais questionamentos levando em conta outras perspectivas culturais, pois a cidade tende a priorizar determinados grupos e culturas em detrimento de outros. Basta ver, em seu processo histórico, como o município se expande produzindo segregação socioespacial, precarizando, para a parcela mais vulnerável da população, moradia e infraestrutura.

Há uma percepção de progresso, ligado ao lucro, vinda a partir do máximo de aproveitamento – seja do terreno, da área ou da metragem do imóvel. Uma forma de analisar isso é partir da outorga onerosa do direito de construir⁹. De modo geral, trata-se do direito de construir acima do limite permitido, mediante pagamento de taxa.

⁹ Criado a partir do Estatuto da Cidade, Lei nº 10.257/2001 e incluído no Plano Diretor de 2002 da Cidade de São Paulo, Lei nº 13.430/02

A Figura 10 ilustra essa situação. Se, por um lado, é possível observar o avanço da especulação imobiliária a partir dos dados da outorga onerosa, vê-se também a ausência de pedidos no miolo da Água Branca (fato que não significa um desinteresse na região pelo setor). Isso ocorreu por conta da Operação Urbana Consorciada Água Branca (OUCAB)¹⁰, que estabelece novas diretrizes para implantação da Operação Urbana, revogando a Lei nº 11.774, de 18 de maio de 1995. Entre os objetivos e as diretrizes, há uma preocupação em promover o adensamento populacional e o desenvolvimento econômico. A promoção surge a partir da produção de habitação de interesse social, urbanização de favelas, implantação de equipamentos sociais e urbanos, melhorias públicas, obras de drenagens, ampliação e melhoria do transporte público coletivo e alargamentos de avenidas.

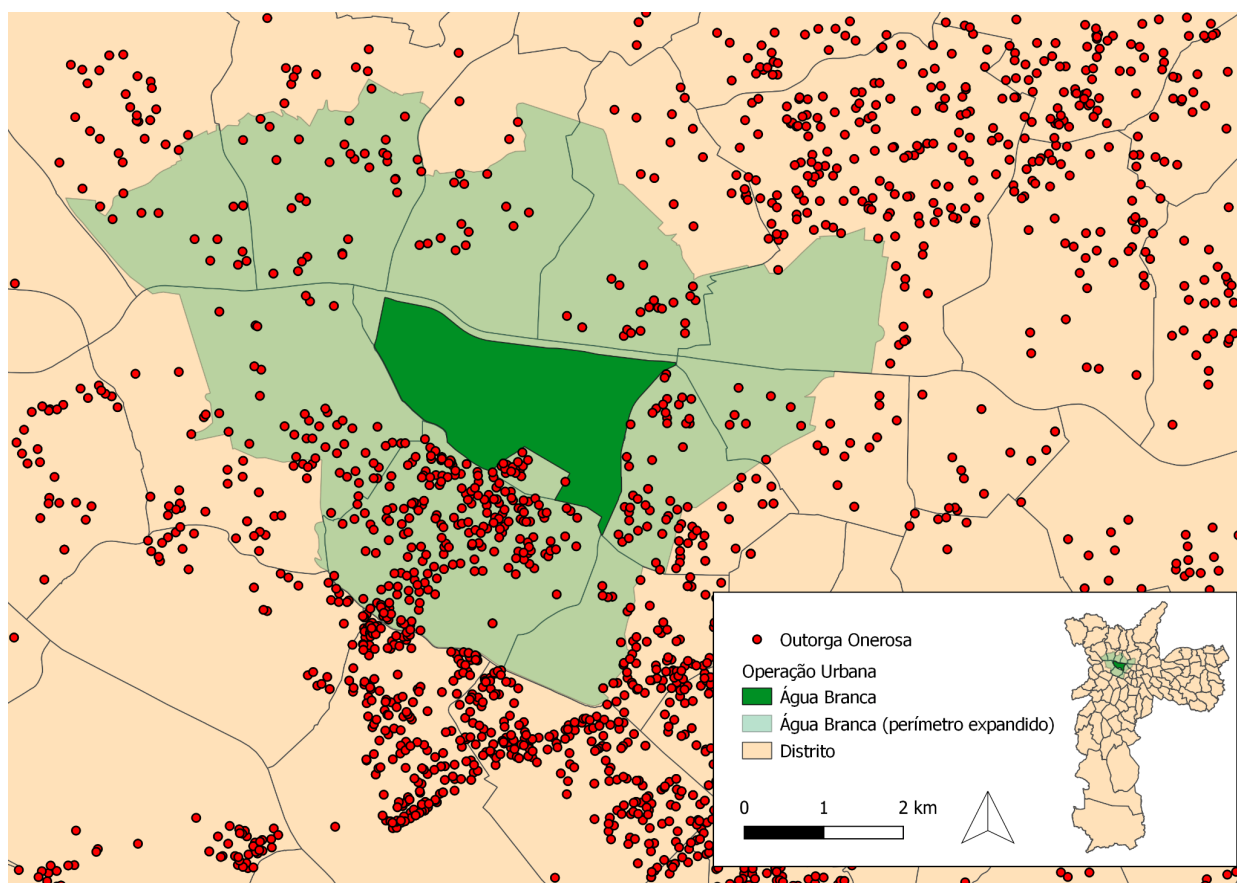


Figura 10: Outorga onerosa e operações urbanas. Fonte: GeoSampa/PMSP.
Organização: Raphael B. G. da Silva.

¹⁰ Lei nº 15.893 de 7 de novembro de 2013. Disponível em:
<<https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-15893-de-07-de-novembro-de-2013>>.

Os pedidos de outorga onerosa espalham-se pela cidade e há uma concentração significativa na região da Água Branca, excluindo a área da OUCAB, pois as operações urbanísticas têm suas regras distintas.

Dentro da malha da qual o bairro faz parte, percebe-se uma transição que o diversifica a depender do ponto. Ora verticalizado, ora horizontalizado. Ora com serviços modernos, ora com serviços populares. Há uma apropriação diversa dos espaços das antigas fábricas, trazendo valor cultural, como no caso do SESC Pompeia e da Casa das Caldeiras, mas outros espaços lutam para não serem subjugados, como é o próprio caso do Santa Marina AC, resistindo nas brechas do que tido como progresso. Ao passo que se vê a assimetria no bairro, associa-se os resíduo da vida de bairro a partir dessas brechas, facilitando uma compreensão do próprio SMAC como um local de ressignificação dessa vida de bairro na Água Branca – claro que a partir de seu funcionamento como clube, campo e sede social, criando e mantendo relações e reproduzindo modos lúdicos e competitivos de lazer, esporte e sociabilidade.

A metrópole tende a priorizar o valor de troca sobre o valor de uso, isto em diversos setores da vida cotidiana, como no lazer ou na vida cultural. Ela se dá na lógica do privado (privado este intermediado pelo consumo) e em lógicas outras, que tendem a ser suprimidas por conta da relação de poder. O SMAC pode ser entendido como um entre muitos nesse processo de resistência. O Clube vem lutando há décadas pela sua permanência. Afastado da sede social desde 2023 em virtude de uma ordem de reintegração de posse, o time luta judicialmente por sua permanência. Apesar das atividades terem de ser encerradas, o SMAC conseguiu ser enquadrado, de forma provisória, como ZEPEC-APC, um instrumento novo criado no Plano Diretor de 2014, em que prevê a proteção cultural para determinados locais da cidade. Desse modo, mesmo com o encerramento das atividades, há uma proteção assegurada por lei. A estrutura e tudo que está dentro da sede do clube tem que ser preservado.

Em negociação com o metrô, a Saint-Gobain entende o SMAC como obstáculo. O lote original da fábrica está presente no EIA do metrô para Linha 20-Rosa, prevendo a construção do pátio de manutenção e estacionamento. Além da Linha 6-Laranja cortar o bairro, tornando um exercício interessante imaginar as transformações futuras que a chegada do metrô irá causar na região. Da mesma forma que a linha férrea foi responsável por modificar a região, as estações do metrô serão responsáveis por modificar de outra maneira o bairro. Se, por um lado, o metrô traz mobilidade, é sabido

que os processos de melhorias estruturais, de fluxos e de lazer são interpretadas pelo setor imobiliário como uma oportunidade lucrativa. Nesse sentido, o que é esperado é uma acentuação (que já vem ocorrendo) da especulação imobiliária, podendo causar uma mudança espacial a partir do perfil social, da configuração familiar e da oferta de serviços.

Atualmente, nota-se essas mudanças ocorrendo no bairro: antes, as torres das fábricas ganhavam destaques na paisagem; hoje, são as torres dos empreendimentos residenciais que rasgam o céu da região. Condomínios despontam no horizonte ano após ano. Tais modificações podem ser um dos indicadores para o crescimento populacional no distrito a partir do século XXI (Tabela 1).

População recenseada								
	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010	2022
Barra Funda	11.615	14.041	15.407	17.894	15.977	12.965	14.383	33.436
Lapa	50.904	62.976	70.981	83.705	70.319	60.184	65.739	75.533
Município de São Paulo	2.151.313	3.667.899	5.924.615	8.493.226	9.646.185	10.434.252	11.253.503	11.451.999

Tabela 2 – População recenseada. Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Na tabela acima, tem-se registrado o crescimento populacional nos distritos de Barra Funda e Lapa até os anos de 1980, com quedas nas décadas seguintes, só voltando a subir nos anos de 2010. Esses distritos seguem o mesmo padrão ao longo das décadas (crescimento, queda e crescimento), diferente do município que só cresce – o que indica um crescimento em outras áreas de São Paulo, possivelmente regiões periféricas. Uma forma de entender os aumentos, de 2010 e 2022, desses distritos é a valorização da região, explicada por novos empreendimentos residenciais e a inauguração do Shopping Bourbon em 2009.

A Tabela 3 indica uma mudança no perfil domiciliar, enquanto há aumento de domicílios e da população nos distritos e municípios, verifica-se uma diminuição de pessoas por domicílio.

Densidade domiciliar						
	1991			2000		
	Domicílios	População	Pess/Dom	Domicílios	População	Pess/Dom
Barra Funda	4.714	15.977	3,39	4.480	12.965	2,89
Lapa	20.916	70.319	3,36	19.867	60.184	3,03
Município de São Paulo	2.539.953	9.646.185	3,8	2.985.977	10.434.252	3,49

	2010			2022		
	Domicílios	População	Pess/Dom	Domicílios	População	Pess/Dom
Barra Funda	5.623	14.383	2,56	16.962	33.436	1,97
Lapa	24.085	65.739	2,73	36.633	75.533	2,06
Município de São Paulo	3.574.286	11.253.503	3,15	4.996.529	11.451.999	2,29

Tabela 3 – Densidade domiciliar. Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Esses dados sugerem um adensamento construtivo por meio da verticalização, à medida que a configuração familiar muda, cada vez mais pessoas morando sozinhas ou em famílias reduzidas (casais com menos filhos ou até mesmo sem).

Com esses dados somados às transformações vistas nos mapas e ortofotos, faz-se possível elaborar interpretações acerca de fatores que colaboram para o adensamento e a especulação imobiliária na região. O avanço de condomínios verticais, inclusive em terrenos onde antes não havia construções (é o caso do Condomínio Jardim das Perdizes, representado na Figura 11, grande empreendimento próximo ao SMAC), colabora para um constante processo de valorização da região, a partir da especulação gerada por esses novos empreendimentos.



Figura 11: Condomínio Jardim das Perdizes e SMAC. Fonte: Raphael B. G. da Silva.

A figura dá destaque ao Condomínio Jardim das Perdizes (em vermelho) e ao SMAC (em verde). A verticalização acha-se nessa porção da antiga várzea do rio – mas, se comparada ao trecho que fica para além do trilho do trem (porção superior da imagem), acaba sendo uma verticalização mais tímida e recente.

Outra mudança recente é a arenização do estádio do SE Palmeiras, o Allianz Parque, o qual, a partir da arena multiuso, traz eventos que mudam completamente a dinâmica da Água Branca, sobretudo na Avenida Francisco Matarazzo, fora o Shopping Bourbon, presente na mesma avenida, dinamizar o entorno, trazendo um fluxo mais intenso de pessoas e automóveis. Outro ponto é o fácil acesso à Marginal Tietê e a outras importantes vias, além de, é claro, as obras do metrô (Linha 6-Laranja e Linha 20-Rosa).

Hoje, é possível pensar em um momento-chave de transformação da região, com o processo de verticalização por conta dos condomínios residenciais ao longo das últimas décadas, somado à mudança de configuração da densidade populacional (Tabela 3) e aos novos fatores que tendem a aumentar o custo de vida na região, como empreendimentos imobiliários e o metrô, situação que acaba colaborando para uma ideia de especulação imobiliária. No caso específico do SMAC, a discussão fica mais delicada porque a questão do terreno não gira em torno de investidas do setor imobiliário: existe um interesse em negociação com o metrô de São Paulo.

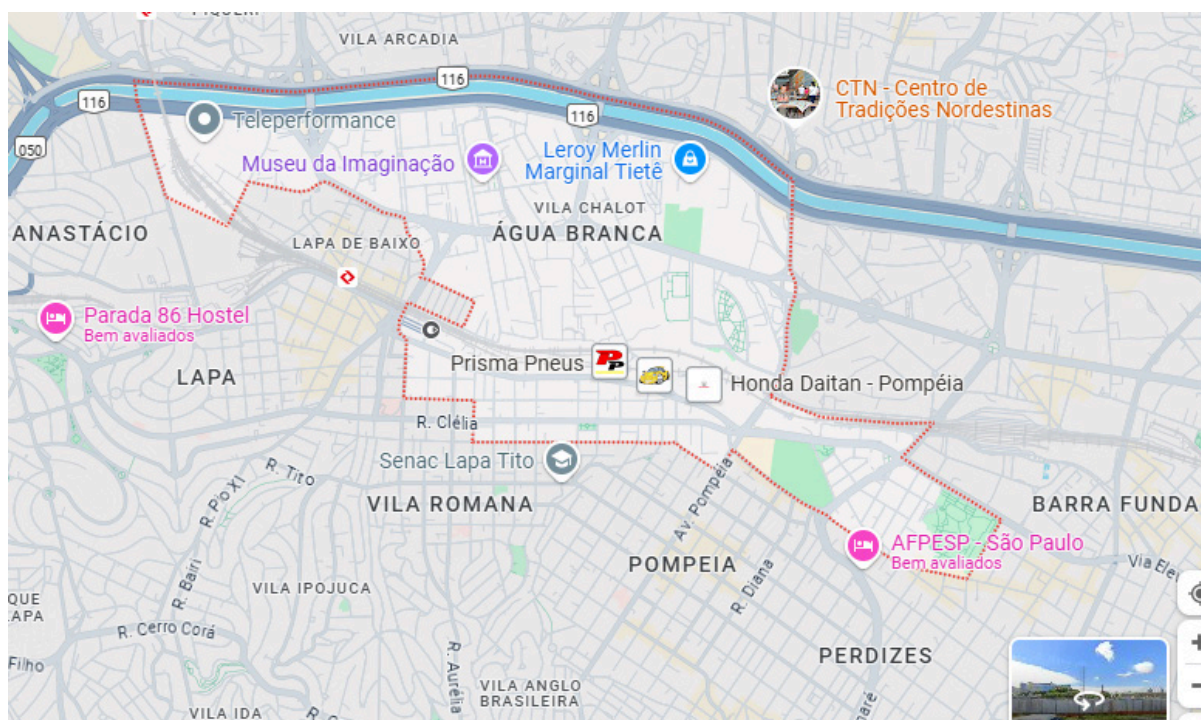


Figura 12: Água Branca. Fonte: Google Maps.

Na figura acima, retirada do Google Maps, observa-se a espacialidade da Água Branca. Como o bairro não tem seus limites tão claros, usar essa ferramenta facilita a visualização aproximada de seu desenho. Fazendo parte do que é compreendido como centro expandido, está muito próximo da zona norte. Nas últimas décadas, foi possível observar significativas mudanças na paisagem da região, como o Shopping Bourbon, o Allianz Parque, a Casa das Caldeiras e os condomínios comerciais e residenciais vizinhos dessa última – Residencial Casa das Caldeiras e Comercial Casa das Caldeiras, todos localizado na Avenida Francisco Matarazzo. Já ao norte das vias férreas, nota-se uma ampliação das torres residenciais, tendo destaque o complexo de condomínios dentro da proposta de bairro Jardim das Perdizes, localizado em um antigo lote da Telesp. Com a recente valorização da região, outras formas de olhar passam a ganhar força, não necessariamente, formas que respeitem o convívio coletivo.

3. O BAIRRO, O CLUBE E O COTIDIANO

Os dois primeiros capítulos têm o olhar voltado na busca de entender um processo histórico e um entendimento socioespacial atual da região da Água Branca, relacionando isso com o todo (cidade/metrópole São Paulo). Estruturou-se uma tentativa de uso de uma progressão histórico-genética (LEFEBVRE, 1986), sobretudo no primeiro capítulo, procurando uma base teórica para a compreensão da realidade atual – seja da região da Água Branca, seja de São Paulo. É fundamental ressaltar mais uma vez a importância desse movimento de análise multiescalar, pois a parte não se transforma de forma isolada. Os processos que ocorreram na Água Branca de industrialização, desindustrialização e valorização, deram-se a partir dos processos da cidade de São Paulo.

A indústria perdeu a sua centralidade na economia. E, por conta de uma lógica de redução de custos, São Paulo perdeu investimento. Frisa-se que, apesar de certas regiões industriais do município se desindustrializarem (a Água Branca, por exemplo), não se pode falar em uma desindustrialização do município. E, por mais que muitas indústrias tenham sido deslocadas para outros estados, o interior ou a região metropolitana de São Paulo, o município manteve uma concentração das sedes, exercendo um novo papel (local de gestão e controle do capital). E a revalorização ocorre por uma série de fatores que tem como ponta de lança o processo especulativo imobiliário, ocorrendo em diferentes proporções na cidade.

Essa busca de um arcabouço teórico vem, particularmente, para dialogar com o SMAC. Entender a Vidraria e o seu histórico, além de buscar compreender o bairro e a sua genética e relacionar isso à cidade, configura-se enquanto um esforço fundamental para analisar histórico e socioespacialmente o clube, pois, da mesma forma que a Água Branca não está isolada da cidade, o Santa Marina não está deslocado da fábrica, do bairro ou mesmo do município. Entender históricos e realidades atuais é ter base para entender o conflito que norteia este trabalho: a situação de permanência ou expulsão do SMAC. É importante, todavia, antes, atentar-se ao bairro.

Seabra (2003) auxilia como fio teórico para essa discussão. É um assunto que já foi abordado brevemente no primeiro capítulo, mas é pertinente a retomada do debate para, assim, dar conta de uma espécie de progressão histórica-genética, agora do Santa Marina AC. E, depois, enfim, ter-se condição para um diálogo sobre o

cotidiano, trazendo a região da Água Branca para o debate e, sobretudo, o clube. A partir de dois trabalhos de campo realizados em suas imediações, foi possível observar parte das dinâmicas, somadas às entrevistas realizadas, concluindo uma tentativa de buscar suscitar um cotidiano outro (do passado), o cotidiano de um momento em que o clube estava em funcionamento, e uma temporalidade futura, tecendo brevemente possibilidades outras em contraposição às que tendem a homogeneizar as relações, intermediadas pelo consumo.

Seabra (2003) apresenta três importantes origens do bairro: a igreja, a indústria e o futebol. No caso deste estudo, a gênese do bairro está atrelada ao segundo, uma origem industrial na formação da Água Branca. A sua morfologia e os seus fluxos serviam de acordo para a realização da vida operária. Na Santa Marina, por exemplo, eram reunidos o trabalho, a moradia (a partir das vilas operárias) e o lazer (não só ligado ao futebol, mas a outras modalidades esportivas). Como Ramos (2002) apontou, o processo industrial transforma a região, trazendo a vida de bairro (naquele momento, a Água Branca era um bairro). Com o avanço da urbanização, contudo, as relações modificam-se. Segundo Seabra:

A minha hipótese é que o estudo do bairro permite compreender a urbanização como um processo total, logo também as configurações que a metrópole foi adquirindo no seu processo de constituição-configuração-transfiguração (SEABRA, 2003, p. 40).

Ou seja, a autora trabalha com a hipótese de se compreender o todo a partir de processos locais. Assim, é possível pensar em uma lógica de compreensão local atrelada a espacialidades mais abrangentes. Não é possível estudar de modo isolado o Santa Marina sem falar da Água Branca e, por sua vez, não sendo também possível falar da Água Branca sem falar do município. Processos em escalas maiores refletem nas outras escalas e vice-versa. Muito do que se vê no Santa Marina está atrelado a uma sobrevivência da vida de bairro. A sua forma de preservação se dá também por sua superação frente às transformações, pois o processo de metropolização faz força contrária à existência de manifestações que estejam ligadas à vida de bairro. Como apontado por Fátima Antunes sobre o SMAC¹¹: “É incrível a permanência dele, a

¹¹ Entrevista realizada no dia 15/10/2024 com Fátima Antunes - Socióloga, Departamento de Preservação Histórico (DPH).

resiliência e a transformação. A capacidade de adaptação a novas situações. Ele sobreviveu à extinção da Vidraria Santa Marina e se reinventou. Hoje ele está mais na linha de clube de várzea”. De modo que, com sua adaptabilidade, entre muitos aspectos, reafirma-se que o Clube pode ser visto como uma ressignificação ao modo de vida do bairro. A partir de sua relação intermediada pela espontaneidade, ligado à solidariedade, presente ainda, nesse caldo todo, a relação de vizinhança e parentela (que, nesse caso, é ampliada para além dos laços consanguíneos).

Este trabalho esbarrou algumas vezes, dentro de seu processo de pesquisa, em uma noção alargada de família adotada pela comunidade do Clube: Família Marinense. Uma relação que extrapola o consanguíneo e que está muito ligada às relações de sociabilidade e solidariedade presentes no time, a partir da várzea, da escolinha, da celebração, do lazer, da memória e da luta. Aira Bonfim¹² comenta que, em seu processo de atuação dentro do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB), circulou e se aproximou da várzea paulistana. Em relação ao SMAC, ela conta que houve uma integração para além da relação institucional, fazendo parte da Família Marinense.

Sim, eu me sinto família. Eles têm essa alcunha de família Marinense [...] E eu acho que eu entendi ao longo dos anos essa ideia. Uma família Marinense que não necessariamente tem esse vínculo operário, de gerações que trabalharam na fábrica, mas dessa relação de um espaço que está aberto. De você pertencer à uma família que talvez seja o sentido mais bonito da ideia de família, que não é a consanguinidade. Mas de fazer parte, de ajudar. Cada um contribui de alguma maneira. Me sinto um pouco pertencente (Aira Bonfim, entrevista realizada por Raphael B. G. da Silva, 2024).

Relação essa similar ao que Seabra (2003) utiliza para configurar as relações sociais dadas no espaço vivido do bairro, cujas mediações se dão, sobretudo, pelo valor de uso – fato que foi se modificando conforme a metrópole se ampliou. Com a relação de tempo cada vez mais atrelada ao trabalho e relações de trocas intermediadas pelo consumo, a tendência é o esvaziamento da vida de bairro. Os condomínios ganham cada vez mais espaço em relação ao modo de morar. Com a

¹² Entrevista realizada no dia 04/11/2024 com a historiadora Aira Bonfim.

máxima de possibilitar maior segurança, ele, o condomínio, oferece a integração dos usos dos espaços públicos dentro de seus muros, à medida que a vida de bairro perde espaço. A metrópole integra, fragmentando, porém, o bairro. Essas regiões são inseridas na trama urbana ao passo que as relações imediatas intermediadas pela vizinhança tendem a diminuir.

Segundo a autora, há diferentes temporalidades e espacialidades presentes no bairro. E, mesmo que essas regiões estejam atreladas à trama metropolitana (e por mais que o processo de expansão imobiliária esteja fortemente ligado à demolição), ainda é importante pensar nessas diferentes temporalidades e espacialidades. Sendo o próprio SMAC um exemplo de temporalidade para além do tempo do trabalho.

Outro ponto que merece destaque é o fato da mobilidade dos moradores. O bairro pode mudar a configuração dos moradores, com uma operação urbana ou o processo de gentrificação, por exemplo. Mas os moradores podem se deslocar, uma camada mais pobre pode buscar lotes mais afastados (como no processo de periferização) e os mais ricos buscam se aproximar da camada social mais abastada, como é o caso dos condomínios de alto padrão. Visto no capítulo anterior, a configuração de moradores por domicílio mudou no distrito, um indicador da uma mudança no perfil das pessoas que moram ali. No caso da região do Santa Marina, uma importante causa de mobilidade é a gama de processos relacionados à fábrica – primeiro a demolição da vila operária e, posteriormente, com a desativação das atividades na Vidraria. Rose Ingegnere¹³, integrante da diretoria do Clube, foi funcionária da Vidraria pelo período de duas décadas. Ela relata o processo de dispersão a partir do fechamento das vilas operárias. Na década de 1970, ela deixa a vila, assim como outros funcionários que se realocaram na cidade, muitos deles em regiões próximas.

Por mais que hoje o Santa Marina esteja em uma situação conflituosa, judicialmente falando, o Clube é um exemplo ímpar de resistência. Ao longo da primeira metade do século XX, o futebol de várzea proliferou junto com a expansão da cidade. Com as grandes obras e a periferização, sobretudo nos anos de 1940 e 1950, os espaços de várzea começaram a se reduzir, principalmente pela mudança de interesse em regiões antes ignoradas, os tais vazios urbanos – áreas que surgiram no processo de loteamentos irregulares na cidade, essas glebas não eram loteadas pelos

¹³ Entrevista realizada no dia 28/10/2024 com a representante do SMAC Rose Ingegnere.

proprietários no intuito de aguardar melhorias da infraestrutura da região e, em consequência, uma maior valorização de suas terras. Outras áreas são as de várzea de rio: por conta da canalização e retificação dos principais rios da cidade, esses terrenos passaram a gerar interesse imobiliário. Olhando para o Santa Marina, por estar inserido em uma área de antiga várzea do Tietê, tendo proximidade com outros clubes e campos que deixaram de existir (como a Associação Atlética Açucena, um de seus principais rivais) ou que conseguiram manter sua reprodução (como o Complexo Esportivo Campo de Marte, que, há décadas resiste para garantir seu direito à reprodução de seus jogos, festas e socializações). Penteado (2021) coloca que “o complexo se encontra no meio de um processo de disputas pelo espaço urbano” e essas disputas estão em jogo em diversos territórios varzeanos.

Olhando para a história do SMAC, mesmo tendo sido fundado em 1913, a sua atividade ligada ao futebol já se iniciou em 1909 (antes da fundação oficial, por assim dizer). O seu primeiro campo localizava-se na rua Sabaúna; depois, passou para a rua Comendador Souza; por fim, instalou-se no terreno da antiga fábrica. Além do futebol de campo e do futebol de salão, o Clube tem importante história ligada ao basquete, sobretudo entre as décadas de 1920 e 1930. E, em 1960, foi importante para o boxe. Como dito anteriormente, nessa altura, a Vidraria é incorporada pela gigante francesa Saint-Gobain. Na década seguinte, a empresa desativou as vilas operárias para construção de prédios administrativos.



Figura 13: Vila Operária da Vidraria Santa Marina. Fonte: Acervo Museus do Futebol | Coleção Santa Marina.

A figura retrata os trabalhadores-moradores da Vila Operária, construída em 1910 pela Vidraria. Outros conjuntos de casas foram erguidos ao longo dos anos, gerando uma distinção entre as vilas operárias: Vila Velha e Vila Nova.

Tendo um bom momento até a década de 1980, o Clube passou a ter uma relação desgastada com a Saint-Gobain a partir dos anos de 1990, segundo Francisco Ingegnere¹⁴. Chiquinho, como é conhecido, fala de embates em defesa do SMAC que chegaram a causar o seu desligamento da empresa. À frente do Clube como presidente, hoje atua como dirigente. Na mesma entrevista, ele já demonstrava preocupação com o fim do uso do imóvel por comodato, que expirou em 2019. Uma década antes, parte das instalações da fábrica foi tombada; no entanto, nada relacionado ao Clube entrou nesse tombamento. Em 2017, o SMAC fez um pedido de usucapião.

¹⁴ Entrevista cedida em 2012 pelo Chiquinho. Realizada por Diego Viñas e Maria Helena Menezes Garcia para o projeto Relato de Campo – Santa Marina Atlético Clube. Projeto do Centro de Referência do Futebol Brasileiro. Disponível em: <<https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/530061/>>.

Em 2020, a empresa moveu um pedido de reintegração de posse, com decisão favorável à Saint-Gobain no ano seguinte. A partir da articulação e da pressão de grupos ligados à várzea, tendo repercussão midiática, o Ministério Público fez um pedido de estudo ao Departamento do Patrimônio Histórico (DPH). Então, criou-se uma comissão interdisciplinar¹⁵. No início de 2022, o estudo foi encaminhado para o DPH, que, por sua vez, recomendou o enquadramento como ZEPEC-APC. No ano seguinte, em 5 de junho de 2023, o conselho técnico da ZEPEC-APC analisou e recomendou a abertura do processo de enquadramento. Segundo os artigos 61 e 63 do Plano Diretor de 2014¹⁶:

Art. 61. As Zonas Especiais de Preservação Cultural (ZEPEC) são porções do território destinadas à preservação, valorização e salvaguarda dos bens de valor histórico, artístico, arquitetônico, arqueológico e paisagístico, doravante definidos como patrimônio cultural, podendo se configurar como elementos construídos, edificações e suas respectivas áreas ou lotes; conjuntos arquitetônicos, sítios urbanos ou rurais; sítios arqueológicos, áreas indígenas, espaços públicos; templos religiosos, elementos paisagísticos; conjuntos urbanos, espaços e estruturas que dão suporte ao patrimônio imaterial e/ou a usos de valor socialmente atribuído.

[...]

Art. 63. As ZEPEC classificam-se em 4 (quatro) categorias de acordo com as respectivas resoluções de tombamento ou instrumentos de proteção instituídos por órgãos municipais, estaduais e federais (SÃO PAULO, SP, 2014).

Sendo eles: Bens Imóveis Representativos (BIR), Áreas de Urbanização Especial (AUE), Áreas de Proteção Paisagística (APPa) e Área de Proteção Cultural (APC). No caso da APC, o fragmento a seguir a categoriza.

¹⁵ A partir do estudo, houve um desdobramento de vinte e três artigos publicados no portal do Ludopédio. Com publicação quinzenal, abordou o Santa Marina Atlético Clube, o circuito varzeano de SP e a preservação dos clubes esportivos populares. Disponível em: <<https://ludopedio.org.br/arquibancada-categoria/em-defesa-da-varzea/>>

¹⁶ Lei nº 16.050, de 31 de julho de 2014. Disponível em: <<https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-16050-de-31-de-julho-de-2014/>>.

IV – Área de Proteção Cultural (APC) – imóveis de produção e fruição cultural, destinados à formação, produção e exibição pública de conteúdos culturais e artísticos, como teatros e cinemas de rua, circos, centros culturais, residências artísticas e assemelhados, assim como espaços com significado afetivo, simbólico e religioso para a comunidade, cuja proteção é necessária à manutenção da identidade e memória do Município e de seus habitantes, para a dinamização da vida cultural, social, urbana, turística e econômica da cidade (SÃO PAULO, SP, 2014).

No entanto, em decisão judicial, foi determinada a interrupção das atividades do SMAC. E, no dia 14 de junho de 2023, o Santa Marina interrompeu suas atividades. Em Reunião Ordinária do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (CONPRESP), realizada em 7 de agosto de 2023, o caso do Clube entra em pauta e foi instaurado o processo de enquadramento como ZEPEC-APC. Segundo a Resolução Nº 8 do CONPRESP, de 2023¹⁷, o enquadramento do Clube é o reconhecimento de sua trajetória centenária e ininterrupta, de seu valor referencial e afetivo, de seu valor histórico e cultural, de sua inserção nos circuitos de futebol amador da cidade. Garantindo não só a permanência e manutenção de toda estrutura ligada ao Clube (como a sede social e o campo), mas também a manutenção e preservação de seu rico acervo. Vale salientar, que o enquadramento é provisório, com o período de dois anos e a decisão não assegurou a permanência das atividades do time, tendo em vista que o processo de interrupção já havia ocorrido

No final de 2024, houve uma visita técnica ao Clube, a primeira realizada desde o encerramento das atividades. Feita em 29 de outubro de 2024, a visita à sede social do Clube contou com representantes do Santa Marina, da Saint-Gobain e do DPH. No dia 2 de dezembro de 2024, o processo do SMAC voltou a ser pauta de Reunião Ordinária do CONPRESP¹⁸. A Saint-Gobain fez um pedido de anulação do enquadramento da ZEPEC-APC, mas o mesmo foi negado pela comissão. Na reunião

¹⁷ Resolução Secretaria Municipal de Cultura - SMC/CONPRESP Nº 8 de 7 de agosto de 2023. disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/resolucao-secretaria-municipal-de-cultura-smc-conpresp-8-de-7-de-agosto-de-2023>.

¹⁸ 811ª Reunião Ordinária do CONPRESP. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=tnr-UeZbG20>. Acessado em 2 dez. 2024.

seguinte, de 11 de dezembro de 2024¹⁹, o caso foi aberto com uma fala inicial do DPH, realizada por Fátima Antunes, em que expôs um breve histórico, ressaltando a importância patrimonial do clube. Em sua fala, ela pontua alguns marcos importantes e apresenta a justificativa de enquadramento. No dia em questão, ambos os lados tiveram tempo de fala. Após análise do conselho, houve o pedido de vista pelo relator, ou seja, houve um adiamento da votação para que haja a possibilidade de maior detalhamento do processo. Uma das possibilidades para esse pedido é a da mudança do conselho, que, segundo Beatriz Calheta²⁰, acaba tendo um caráter mais conservador que o mandato anterior. O caso entrou em pauta novamente em 27 de janeiro de 2025²¹, mas não chegou a ser votado. Todo esse movimento acaba sendo cansativo para os dirigentes do clube, mas eles fazem questão de se fazerem presentes.

As incertezas estão na ordem do dia do Santa Marina. No entanto, isso não impede que o clube continue resistindo. A preservação da manutenção das práticas está diretamente ligada ao espaço e sua localização. A mobilização em defesa frisa a importância do clube, nos domínios cultural, social e histórico. O Santa Marina detém um rico acervo, com objetos ligados aos esportes, à vida fabril e às festividades, sendo possível remontar muito do processo de industrialização e urbanização a partir desses materiais (tanto da região da Água Branca quanto da própria cidade).

Hoje, quem passa pelas redondezas do clube, mesmo de forma apressada, certamente não deixa de notar os tapumes, as grandes placas de obras do metrô e os trabalhadores presentes nas imediações da estação de trem Água Branca. A avenida Santa Marina se inicia entre dois trilhos: Linha 8-Diamante (ViaMobilidade) e Linha 7-Rubi (CPTM). O badalar sonoro, a cancela se abaixando, placas, luzes piscantes e um guarda na via não são suficientes para interromper completamente o fluxo de pessoas que cruzam o trilho a pé. Ao lado da estação de trem está sendo construída outra estação, da linha 6 do metrô. Na mesma avenida mais adiante outra estação da mesma linha, ao lado da Universidade Paulista (UNIP). O terreno da antiga Vidraria começa ao lado da estação de trem Água Branca e vai até a Avenida Ermano

¹⁹ 812ª Reunião Ordinária do CONPRES. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HdGUxbEI3yc>. Acessado em 12 dez. 2024.

²⁰ Entrevista realizada no dia 19/12/2024 com Beatriz Calheta, advogada e varzeana.

²¹ 814ª Reunião Ordinária do CONPRES. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5OMwoGpUQxs>. Acessado em 27 jan. 2025.

Marchetti (Figura 14). Na figura a seguir, dá para notar as atuais condições da fábrica e seu entorno.



Figura 14: A antiga Vidraria e a região da Água Branca. Fonte: Raphael B. G. da Silva.

A imagem traz um grande destaque ao terreno da antiga Vidraria, que ocupa a porção central e o canto inferior direito da foto. Na parte inferior esquerda, vê-se a Avenida Ermanno Marchetti. Nota-se, no horizonte da imagem, uma extrema verticalização que contrasta com o restante do registro – essa paisagem vertical, muitas vezes associada à região da Pompeia e Perdizes, também faz parte da paisagem da Água Branca.

Para quem para em frente ao clube Santa Marina e olha para sua fachada, pode-se observar a Placa do Inventário Memória Paulistana instalada em sua entrada. Diferente das grandes placas de obra do metrô, que tem um caráter informativo temporário, a singela placa redonda e azul tem como objetivo a valorização da memória coletiva.



Figura 15: Placa do Inventário Memória Paulistana instalada na entrada do SMAC.

Fonte: Raphael B. G. da Silva.

As placas foram instaladas a partir de 2020, identificando 466 lugares referenciais para a memória paulistana. De acordo com resolução²²:

O inventário Memória Paulistana consiste na identificação de narrativas que constituem referências culturais da cidade de São Paulo, com posterior localização e emplacamento, visando a salvaguarda da diversidade de grupos existentes na cidade (CONPRESP, 2019).

Apesar de ser uma importante ação de reconhecimento, na prática, trata-se um ato simbólico, que por si só não assegura a permanência ou reprodução de práticas, tendo um caráter, muitas vezes, informativo. Mas, ao mesmo tempo, demonstra interesse em dialogar e reconhecer a importância cultural e histórica do clube (que naquele momento, estava em atividade).

²² Resolução N°13/CONPRESP/2019. Disponível em: https://capital.sp.gov.br/web/cultura/w/patrimonio_historico/noticias/27872#:~:text=O%20Invent%C3%A1rio%20Mem%C3%B3ria%20Paulistana%20identifica.com%2035%20cm%20de%20di%C3%A2metro.>. Acessado em 3 nov. 2024.

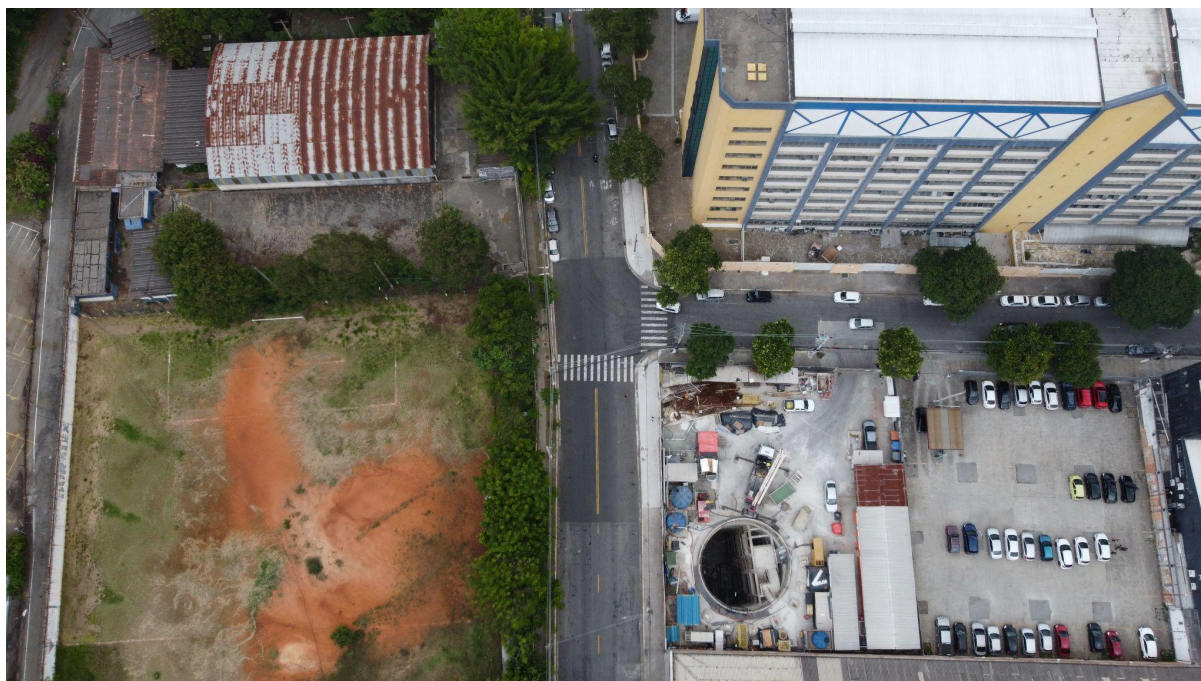


Figura 16: SMAC e as obras do metrô. Fonte: Raphael B. G. da Silva.

Na figura acima (registrada em novembro de 2024), é possível ver, à esquerda, o clube sem uso, com a sede e a quadra na parte superior da imagem e parte do campo de várzea na parte inferior. A avenida Santa Marina corta verticalmente a imagem. A UNIP está na parte superior direita da imagem e as obras da Linha 6-Laranja metrô no canto inferior direito. A imagem foi realizada em um domingo, sendo possível observar a ausência de trabalhadores nas obras do metrô. Em um exercício imaginativo, pode-se conceber uma outra dinâmica caso o Clube estivesse aberto. Poderiam ser registradas as atividades esportivas e de socialização que ocorriam durante o final de semana, tendo movimentação tanto no campo quanto na sede social.

Retomando brevemente as ideias de Lefebvre (2021), ele traz uma noção de tempo relacionando com o espaço. A depender, um tempo pode ser forte ou fraco, tendo seu ritmo cíclico ou linear, configurando assim uma polirritmia. Ao falar de cíclico, ele fala de um tempo mecânico, contínuo e quantitativo. Já no linear, há uma organicidade a partir das discontinuidades que o caracteriza qualitativamente. Para ficar mais claro, o autor faz uma analogia de ritmo com o mar, trazendo a ideia cíclica das ondas, mas ponderando a particularidade do ritmo de cada mar. Além da variação rítmica interna de um mar específico, a depender de outros fatores, como a maré e o vento. Ele acrescenta dizendo que “para que haja ritmo, é preciso que tempos fortes e

tempos fracos apareçam [...]” (2021, p. 161). Dessa forma, entende-se a polirritmia também como uma simultaneidade dos tempos. A cidade apresenta uma polirritmia, a depender de múltiplos fatores, como as suas centralidades, os seus fluxos e as suas dinâmicas. Dessa mesma maneira, em escalas locais, é possível pensar no bairro como polirrítmico, a depender do tipo de comércio, transportes, serviços, moradia, os tempos são distintos. E a depender do horário ou do dia da semana, os ritmos podem ser alterados.

Na Água Branca, fica claro essa polirritmia. Os fluxos são outros se comparar por exemplo a Avenida Francisco Matarazzo com a Avenida Santa Marina. A primeira se tornou um importante fluxo viário, com corredor de ônibus, fazendo parte do corredor leste-oeste. Enquanto a segunda, comporta uma menor dinâmica, servindo de forma local, principalmente para os trabalhadores e estudantes.

Em uma tentativa de entender os tempos cotidianos da região do Santa Marina, foi realizado um campo exploratório nas redondezas do clube, em abril de 2024 (Figura 17) e outro em novembro do mesmo ano (Figura 18). O primeiro campo serviu especialmente para observar a região a partir de seus usos, ritmos e paisagem durante um dia útil. Pensando nos ritmos, notou-se claramente a ligação dos ritmos com o trabalho. Se for levar em consideração o movimento dos trabalhadores na obra do metrô, a pausa para o almoço e o fluxo de pessoas a partir do trem, há um ritmo cíclico. Esse tempo mecânico só é quebrado pelo tempo orgânico do descanso pós almoço dos trabalhadores, que sentam na calçada conversando entre si, ou em pé em frente as empresas fumando seus cigarros. Uma outra possível quebra do ritmo, acontece quando algumas pessoas atravessam o trilho que corta a avenida enquanto a cancela está abaixada. A cancela baixa quando o trem se aproxima, junto com o sinal (sonoro e luminoso) avisam a obstrução temporária da via. Mas, mesmo com essa imposição, o fluxo que deveria ser priorizado para o trem, é quebrado por algumas pessoas que se arriscam ao atravessar neste momento de interrupção. Vale ressaltar a ausência de tempo forte nesta região, ao menos no horário em que o campo foi realizado. Mesmo não sendo observado em campo é possível intuir mudanças nos tempos, principalmente no horário de chegada e saída dos funcionários das empresas (e da obra do metrô) e no horário de aula da faculdade. Há um estacionamento ao lado da faculdade, que no momento do campo estava vazio, dando a entender uma maior movimentação em outro período.

O segundo campo teve o mesmo intuito, mas foi realizado em um domingo, pois a relação da várzea com os dias de ócio está dada. A partir desse olhar, observar um campo de futebol, e todo seu entorno, vazio em um domingo (Figura 16), gera uma imagem de deslocamento. Pois, fazendo novamente um exercício imaginativo e a partir dos relatos, muito provavelmente estaria acontecendo alguma partida de futebol, os mais velhos estariam presente na sede social, jogando dominó por exemplo. Poderia estar acontecendo alguma festividade. E, por não ser dia útil, foi possível notar a ausência de trabalhadores nas obras do metrô. As poucas pessoas que transitavam, ou corriam na tentativa de não perder a aplicação de uma prova na UNIP ou caminhavam tranquilamente para pegar o trem na estação da Água Branca.

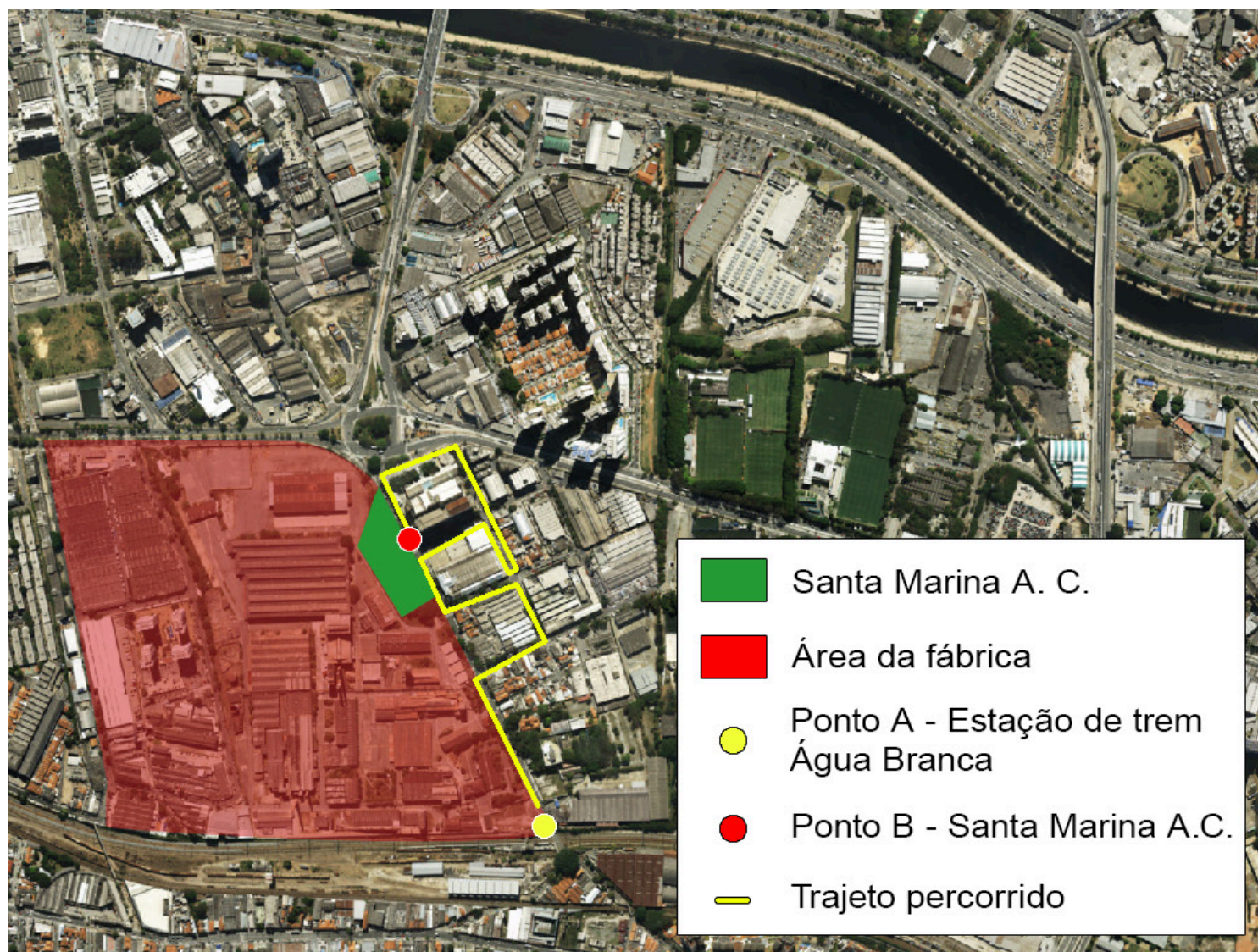


Figura 17: Trajeto do campo realizado em abril de 2024. Fonte: GeoSampa/PMSP (adaptado).



Figura 18: Trajeto do campo realizado em novembro de 2024. Fonte: GeoSampa/PMSP (adaptado).

No cotidiano, de modo geral, há uma programação intimamente ligada ao tempo do trabalho. O bairro, ou resíduo da vida de bairro, cada vez tem menos espaço, desde a integração dos bairros com a metrópole, os processos ao longo do século XX se dão em outra lógica. Quão mais integrado às dinâmicas e tempo da metrópole, menos espaço se tem para espontâneo. O espaço vivido surge nas frestas deixadas pela contradição imposta pelo espaço concebido, pelo modelo capitalista de produção. O Santa Marina AC, assim como tantos outros grupos/localidades, traz, em sua constituição, a forma de resistir, reinventando-se.



Figura 19: O SMAC de portões fechados em um domingo de várzea.

Fonte: Raphael B. G. da Silva.

A Figura acima retrata o clube com as portas fechadas. Em um dia que normalmente estaria em pleno funcionamento, encontra-se desse jeito. A decisão judicial acabou se demonstrando complexa, pois, ao mesmo tempo em que a Saint-Gobain tem que manter preservadas estruturas e acervo do clube, as atividades tiveram que ser desassociadas da sede, dando sequência aos jogos de futebol de várzea e a escolinha de futsal em outras localidades. Hoje, apenas o futebol de várzea segue em funcionamento, mas sempre como mando de visitante, ocorrendo no campo

dos times adversários. As aulas para as crianças e adolescentes tiveram continuidade após o fechamento, mas não conseguiram se manter. Rose explica que - por conta de agenda e horário acabou ficando difícil para os pais levarem seus filhos, e conta que “no Santa Marina as aulas eram de sábado e domingo de manhã. Então era mais fácil para os pais”.

É fato que a manutenção das práticas varzeanas se dá a partir do uso do espaço. Muitos clubes não têm sede e conseguem, a partir de muita dificuldade, se manter. Mas uma gama de relações se perde ou deixa de se construir a partir dessa ausência. O espaço ajuda a criar maiores laços de identificação, sendo um lugar para a socialização, para as práticas esportivas propriamente ditas, para o lazer, cultura, para ações sociais. E, no caso do SMAC, um espaço de memória. Cada espaço a menos não afeta apenas um clube ou um conjunto de times, mas sim a sociedade. Fato este que pode ser lido a partir da mobilização que teve (e tem) em defesa do Santa Marina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há um movimento de continuidade a partir das extrapolações: o futebol extrapola a fábrica, a família extrapola o consanguíneo e a vida de bairro extrapola seu tempo. Esse movimento vem a partir de processos distintos, cada qual no seu momento histórico, cada qual do seu modo. De alguma forma, todos podem ser associados, de alguma maneira, ao Santa Marina AC. Em uma disputa morosa, pensar em caminhos favoráveis ao clube é estar diante de um processo sem precedente, que pode, por sua vez, ser modelo de preservação e manutenção das práticas culturais ligadas ao futebol popular. Em um cenário de decisão favorável ao clube, com o enquadramento definitivo de ZEPEC-APC, por ser uma ferramenta nova, é importante o SMAC permanecer atento às possíveis demandas e assédios externos. Assim como fez durante décadas, existindo e se adaptando às mudanças da metrópole.

A cidade pode ser rica, mas a contradição se faz presente na própria crise do capital, que é geradora das desigualdades e concentração, ao passo que suprime a história, suprime espaços e grupos. O SMAC é presente e é memória, a partir da sua materialidade, do seu acervo, de sua memória coletiva, de suas práticas. Mas também pode ser memória viva da vida de bairro, sendo um exemplo de ressignificação do bairro na metrópole. Um espaço sem memória é um espaço sem história. A importância da manutenção da história está vinculada à manutenção das práticas. Parte da memória do bairro, da região, de São Paulo depende da preservação do clube. Nessa disputa, coloca-se o valor da propriedade acima do valor histórico, patrimonial e socioespacial. Se por um lado calcula-se o espaço, do outro, fica impossível calcular a memória.

O SMAC é importante por suas múltiplas representações. O Clube é fruto da industrialização, enquanto muda é também testemunha da mudança. A cidade não é a mesma do século passado, e muitas das transformações refletiram no Santa Marina. Sendo sua existência, um sinal de sua capacidade de adaptabilidade, mostrando uma resiliência ao longo das décadas. É claro que a Saint-Gobain representa uma ameaça à existência do SMAC, nessa lógica, e a partir das negociações, a vinda do metrô também pode ser vista dentro de uma relação de ameaça à permanência do clube. No entanto, pensar no Santa Marina coexistindo com o metrô na região, poderia facilitar sua permanência - ao ampliar as possibilidades de alcance a outros bairros e pessoas.

Uma vez que ZEPEC-APC pode trazer uma segurança de permanência e manutenção das práticas, ao mesmo tempo as estratégias de dominação são múltiplas, tornando a resistência parte de sua prática. A ferramenta traz garantias; todavia, vem com algumas incertezas que só o tempo futuro poderá dar conta de trazer à tona.

A ideia proposta não é manter as fábricas (em sua materialidade total) para manutenção da vida de bairro, a configuração de São Paulo e da região, cada vez menos, permite isso. Contudo, é importante transformar as nossas relações e a forma em que são atravessadas. A memória é preservada a partir do esforço coletivo, assim como foi visto no caso do Santa Marina, que ainda assim, segue em um futuro de fragilidade e resistência. Lefebvre nos traz uma proposta de superação deste modo de relações, mediadas pelo consumo, e é importante trabalhar relações em outras escalas. Para se pensar em outra sociedade, outra mundialização, é necessário ter outras relações em suas bases. Sendo, sem dúvida, fundamental ter a vida de bairro presente em uma metrópole. O sujeito urbano precisa ter suas relações intermediadas pela confluência entre público e privado – não o privado ligado ao capital, mas o privado ligado à escala da rua, da vizinhança, da casa. Para isso, as relações sociais precisam se dar, especialmente, em espaços coletivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Fátima Martin. O futebol nas fábricas. *Revista USP*, [S. l.], n. 22, p. 102-109, 1994.

BONDUKI, Nabil. Origens da habitação social no Brasil. Capítulo 7: habitação por conta do trabalhador. (2) DAMIANI, Amélia. A cidade (des)ordenada. *Boletim Paulista de Geografia* 72, pp. 281-313, 1994.

CARLOS, Ana Fani A. A reprodução da cidade como “negócio”. *Urbanização e mundialização: estudos sobre a metrópole*. São Paulo: Contexto, 2005.

DAMIANI, Amélia Luisa. A CIDADE (DES)ORDENADA E O COTIDIANO. *Revista do Departamento de Geografia, São Paulo, Brasil*, v. 9, p. 107–116, 2011. DOI: 10.7154/RDG.1995.0009.0010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/53696>>.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

LEFEBVRE, Henri. Elementos de ritmanálise: e outros ensaios sobre temporalidades. O projeto ritmanalítico. LEFEBVRE, Henri e REGULIER, Catherine. *Revista Communication* n.41. Consequência Editora. Rio de Janeiro, 2021

_____. “Perspectivas da sociologia rural” (cap. 6). pp. 163-177. In: MARTINS, José de Souza (org). *Introdução Crítica à Sociologia Rural*. São Paulo. Hucitec, 1986.

_____. *O Direito à Cidade*. Centauro. São Paulo, 2001

LENCIONI, Sandra. Concentração e centralização das atividades urbanas: uma perspectiva multiescalar. Reflexões a partir do caso de São Paulo. Rev. geogr. Norte Gd., Santiago, n. 39, p. 7-20, mayo 2008. Disponível em <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-34022008000100002&lng=es&nrm=iso>.

MASCARENHAS, Gilmar. Várzeas, Operários e Futebol: Uma outra Geografia. GEOgraphia, v. 4, n. 8, p. 84-92, 2009.

PÁDUA, Rafael. Produção estratégica do espaço e novos produtos imobiliários. In: CARLOS, A.F. (org). A cidade como negócio, p. 145-163, 2015

PENTEADO, Mateus Tourinho Borges. Futebol e várzea na Casa Verde: identidade, memória e resistência na metrópole. 2021. 88 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

RAMOS, Aluísio Wellichan. Espaço-tempo na cidade de São Paulo: historicidade e espacialidade do “bairro” da Água Branca. Revista do Departamento de Geografia, São Paulo, Brasil, v. 15, pp. 65–75, 2002.

_____. Fragmentação do espaço da/na cidade de São Paulo: espacialidades diversas do bairro da Água Branca. 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

RODRIGUES, Cecília. Critérios e políticas de preservação do patrimônio industrial da cidade de São Paulo: o caso da antiga vidraria Santa Marina. 2012.

ROLNIK, Raquel. São Paulo: o planejamento da desigualdade. Fósforo. São Paulo, 2022.

SÃO PAULO, LEI N º16.050, de 31 de julho de 2014. Aprova a política de desenvolvimento urbano e o Plano Diretor estratégico do município de São Paulo. São Paulo, SP, 2014.

SANTOS, Alberto Luiz dos. O samba como patrimônio cultural em São Paulo (SP): as batucadas de beira de campo e o futebol de várzea. 2021. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

SCIFONI, Simone. Parque do Povo: um patrimônio do futebol de várzea em São Paulo. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 125-151, 2013.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. Insurreição do uso. Henri Lefebvre e o retorno à dialética. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do bairro do Limão. 2003. Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

TEIXEIRA, Palmira Petratti. A ferrovia “The São Paulo Railway” (SPR) e a industrialização da cidade de São Paulo. Anuario del CEH, nº 2-3, año 2 y 3. 2002.